

GELADEIRA FOI DE MUDANÇA

EXPOSIÇÃO



MAE PRETA

A exposição **Mãe Preta**, da dupla de artistas Isabel Löfgren e Patricia Gouvêa, retoma a abertura para visitação neste sábado (24), no Instituto Pavão Cultural, em Barão Geraldo, às 14h até o dia 8 de maio, é parte da programação do XII Festival Hercule Florence
 Pág 2 e 3

Geladeira Solidária
 Sobrou? Compartilhe!



Mais próxima de necessitados

Originalmente ela foi instalada no Taquaral na calçada da Farmácia xxxxxxxxxxxx, próximo à Sorveteria Sergel. Com o tempo houve um pouco de descaso e falta de respeito. Assim alguns colaboradores resolveram mudá-la para lugar mais próximo de bairros carentes e está agora no Bairro Santa Candida próximo do Supermercado Feltrin



COMUNITÁRIA

Do Taquaral para o Jardim Santana

Jornalismo 5P - 31 OUTUBRO 2017

JORNALISMO CIDADÃO

Jornal ALTO TAQUARAL

NO CAMINHO DA SOLIDARIEDADE

Geladeira tem comida boa e de graça

A alegria de encontrar um pudim de chocolate negro embalado em porções individuais e bem geladinho fez Wanildo Lima abrir um largo sorriso. Sob o forte calor da tarde, ele comentou que há muito tempo não comia um doce. Imediatamente foi ao redor da geladeira comunitária instalada no Parque Taquaral. "Muito boa essa ideia, não pesa pra ninguém e alivia pra muita gente como eu", diz. Comerciantes, restaurantes e moradores tem sido convidados a participar com doações.

É a primeira geladeira comunitária que se tem notícia em Campinas. Ela foi montada por iniciativa de moradores e comerciantes que observaram o grande fluxo de pessoas com dificuldades financeiras na região. Zita Simone, uma das idealizadoras da ideia comenta que a presença de um centro de tratamento a frotados e alcoolatras no bairro contribui para ampliar o trânsito de pessoas com dificuldade de organizar a vida. "A ideia da iniciativa é esta: ajudar a quem precisa".

O refrigerador foi doado por três amigas e é abastecido diariamente com doações de alimentos que podem ser retirados gratuitamente por qualquer pessoa que precise. Ela fica aberta 24 h e um grupo de sete "guardiões" se reveza para fazer a limpeza, checar a validade dos alimentos e orientar sobre o uso.



Tudo alimento é disponibilizado organizado em embalagens individuais e com etiquetas de validade para facilitar a consumo



Zita Simone é uma das idealizadoras



Sônia Cruz levou pedrinhas com pudim



Wanildo Lima: "uma ideia muito boa"



As moradores fazem doações variadas e colocam em embalagem com etiquetas de validade para garantir consumo saudável

Hoje há um fluxo diário de 30 a 50 retiradas por dia. A geladeira solidária está instalada no estacionamento da Drogeria Tamary, na Rua Padre Manoel Bernardes nº 1017, Parque Taquaral.

Moradores aderiram

Sônia Cruz chegou com uma bandeja com vários potinhos abastecidos com pudim de chocolate, todos etiquetados com a data de produção e colherinhas plásticas. Colocou dentro da geladeira e já ia saindo quando foi abordada pela reportagem e explicou: "fiz um pudim grande em casa, todos comeram, ficaram satisfeitos e o que sobrou foi pra geladeira, e se deixasse lá ia acabar sendo descartado. Então resolvi trazer. Outro dia fiz isso com uns quibes, que sobraram após alimentar a família, vieram pra cá e acabaram rapidinho! Se todos trouxerem o que sobra, vai ter pra todo mundo!"

Como ela, vários outros moradores e restaurantes do entorno estão abastecendo a geladeira com marmittas caseiras, litros de leite, bolachas, sanduiches, frutas e tem também quem deixe mantimentos em cestas básicas. Giselle Vidal, que participa do movimento, diz que há muita gente desempregada e com filhos que leva os mantimentos para preparar em casa ou retirar as caixas de leite deixadas lá. Os doadores não precisam se identificar, basta colocar os produtos na geladeira.

No ano 13 do Jornal, na edição número 113-114, de agosto de 2017 (reproduzida acima) portanto há quase 4 anos era veiculada a matéria "No caminho da solidariedade - Geladeira tem comida boa e de graça".

A matéria mostrava a iniciativa de moradores e do proprietário da farmácia em cuja calçada ficava geladeira. Durante esse tempo todo muita gente aproveitou a comida boa e de graça da geladeira. Pães, bolos, doces e comida em embalagens de isopor e metal eram coloca-

Da Revista Metrópole



Neste ano de 2021 foi a Revista Metrópole que circula encartada no jornal Correio Popular que publicou matéria atualizando o funcionamento da Geladeira.

O título foi "Um gesto contra a fome" - A geladeira instalada no Jardim Santana fica disponível 24 horas para reber e retira alimentos, mas está faltando doação"

A matéria foi produzida e assinada pela jornalista Ciebe Vieira e editada em três páginas da revista que reproduzimos nas páginas seguintes desta edição.

Grátis Anúncios de Rua

Tirados de cercas, postes e muros das rua da região Só para prestador de serviço



EXPEDIENTE

Sempre oferecendo o que há de melhor no jornalismo

FAÇA UMA CONSULTA Comunicativa AGÊNCIA DE NOTÍCIAS E EDITORA

Clicknotícia

Clickdrone

Clickensino

Clickassessor

Clickfotos

Clickjornal

Editor: Gilberto Gonçalves (19) 98783-5187 gilberto@clicknoticia.com.br editor@jornalaltotaquaral.com.br

DA METRÓPOLE (I)

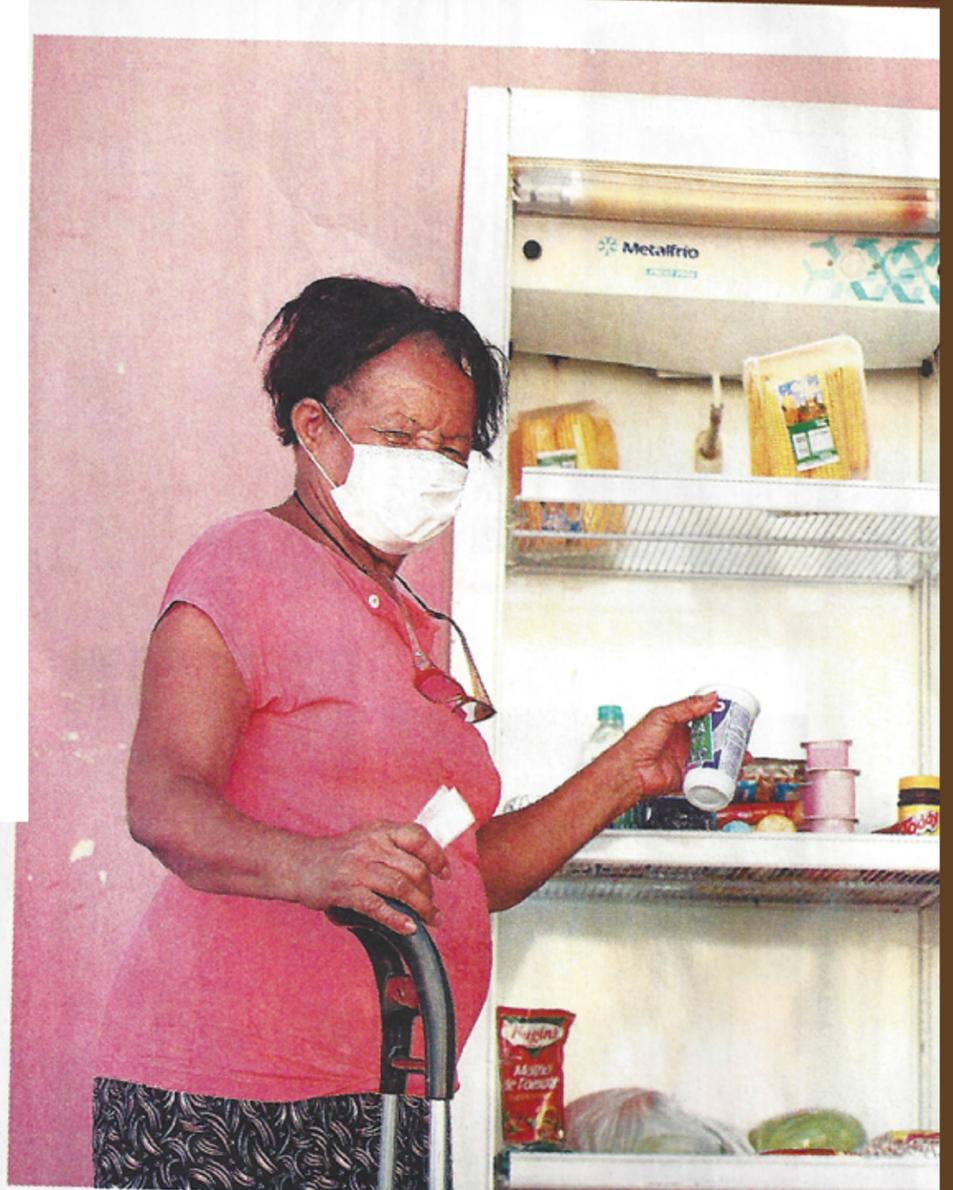
Solidariedade

UM GESTO

O refrigerador instalado no Jardim Santana fica aberto 24 horas para o recebimento e retirada de alimentos, mas o volume de doações nem sempre supre a necessidade de quem procura



Alimentos não perecíveis, comida pronta, cesta básica, e leite são bem-vindos na geladeira



K Cibeles Vieira

leber Inácio Teodoro chega com sua velha bicicleta por volta das dez da manhã e não disfarça a satisfação em encontrar a geladeira abastecida. Ele pega um sanduíche e vai para o canto da calçada saborear a primeira refeição do dia. Saiu cedo do casebre onde mora no núcleo residencial Cafezinho e foi em busca de trabalho. Faz bicos limpando calçadas e jardins, já trabalhou como padeiro, pintor e motorista, mas está desempregado. Já conseguiu comprar o fogão e botijão, só falta o registro e a mangueira. Então quando encontra frutas, bolacha, pão ou uma marmita, comemora e mata a fome rapidamente.

Esse é o perfil dos consumidores do projeto Geladeira Comunitária, instalado desde novembro na calçada da Rua Lafayette Arruda Camargo nº 208. Mantido por cerca de dez pessoas, atende moradores de rua e das comunidades carentes do entorno, como Cafezinho, Gênesis e Nilópolis. Muitas pessoas sem renda buscam ali o alimento que salva o dia, ou mantimentos que salvam a semana da família. Dona Genivalda Gonçalves Brasileiro chegou aflita para saber se tinha arroz. Encontrou e respirou aliviada: “o meu acabou ontem e este mês o pouco dinheiro que recebi do benefício mal deu para pagar as contas. Agora só conto com a comida daqui”, diz ela. E saiu com a

sacola abastecida de legumes, leite, arroz, macarrão e açúcar.

Mais do que alimento, as pessoas as vezes precisam de uma orientação, de informações, um direcionamento, diz Kleber. Muitas vezes tenho aqui a única refeição do dia, mas agradeço porque também sempre encontro alguém que me orienta, indica um trabalho ou um contato. Ele fez sua parte e divulgou a geladeira comunitária para uma vizinha em dificuldade. E lá foi dona Maria Teresa Américo dos Santos com sua sacola. Debaixo de muito sol, saiu carregada de itens para despensa. “Peguei só o que precisava, temos que deixar para outros que precisam também”, ensina.

DA METRÓPOLE (II)

CONTRA A FOME



A primeira geladeira comunitária de Campinas foi adquirida em 2017 por três amigas que a instalaram no Alto Taquaral, para atender principalmente quem vinha ao bairro em busca de atendimento no CAPS - Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas. “Como a pandemia suspendeu o atendimento na unidade, a procura diminuiu e o equipamento perdeu sua função”, conta Lilian Calvo, uma das incentivadoras do projeto. No final do ano passado transferiram a geladeira para o Jardim Santana. A procura aumentou muito, mas as doações diminuíram, comenta.

“Temos uma demanda diária entre 5 e 10 pessoas que buscam alimentos aqui. E nem sempre temos o suficiente, pois são menos de dez doadores para abastecer o refrigerador para o mês todo. Qualquer contribuição é bem-vinda, seja uma marmita, uma cesta básica, um dinheiro para as compras, frutas, um pacote de bolacha, qualquer contribuição ajuda” ressalta Viviane Boconcelo Bernardes, que por trabalhar próximo ajuda no abastecimento diário da geladeira. Todos acham o projeto bonito, mas poucos colaboram, frisa. A localização mostrou ser adequada, mas ainda não houve envolvimento da comunidade local. A proposta é estimular a solidariedade e evitar o desperdício de alimentos. Uma das precursoras do projeto, Zita Kramer, afirma que é preciso coragem para ajudar ao próximo. “Há muita gente com

fome, muitos desempregados e moradores de rua, gente com dificuldade para reorganizar a vida. Se ajudarmos um, o projeto já valeu”, diz. Uma das doadoras conta que sempre leva alimentos que sobram após alimentar a família e, se ficasse na geladeira de casa, ia acabar sendo descartado. Então leva para o espaço comunitário e muitos aproveitam.

Movimento internacional

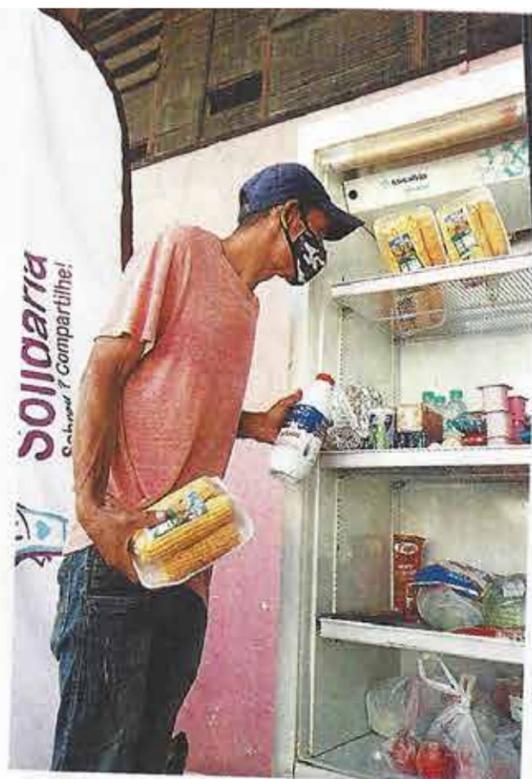
A iniciativa de instalar geladeiras comunitárias (ou solidárias) se consolidou nos países europeus como uma forma de evitar desperdício de alimentos. Chegou ao Brasil em 2015 e já foram registradas experiências em diferentes regiões, como Goiânia (GO), Porto Alegre (RS), Salvador (BA), Ponta Grossa (PR), Palmas (TO) e também no interior de São Paulo, como Valinhos, Santa Bárbara D'Oeste, Rio Claro, Taubaté, Araraquara, Assis, entre outras.

Como doar

É só chegar, abrir a geladeira e colocar o alimento, qualquer hora do dia ou da noite. Podem ser alimentos para fazer em casa, como mantimentos e leite, ou prontos para consumir. As únicas regras são embalar e etiquetar com a data de validade os alimentos perecíveis, como comida caseira. Devem ser evitadas embalagens de vidro e são proibidos bebida alcoólica, embalagens abertas e carnes cruas.

Rua Lafayette Arruda Camargo nº 208, esquina com rua Luiz Arruda Camargo – Jardim


A proposta é estimular a solidariedade e evitar o desperdício de alimentos

Quem Mãe

é o pai

e muita história pra contar...

- PG 6: o dia
- PG 7: o filho
- PG 8: reflexão
- PG 9: denúncias
- PG 10: pandemia
- PG 11: escola
- PG 12: mental
- PG 13: domésticas
- PG 14: solteira
- PG 15: ela fazia
- PG 16: fem tech
- PG 17: ela é de cor
- PG 18: decoração
- PG 19: frases
- PG 20: datas
- PG 21: músicas
- PG 22: histórias
- PG 23: de longe
- PG 24: sempre ela

e de muito longe: Sula



“Cerca de 6 milhões de crianças no Brasil não tem o nome do pai na certidão de nascimento”

Ela e o filho Henry direto da Suécia para o JAT mostrando como é fácil ser mãe naquele país
página 23



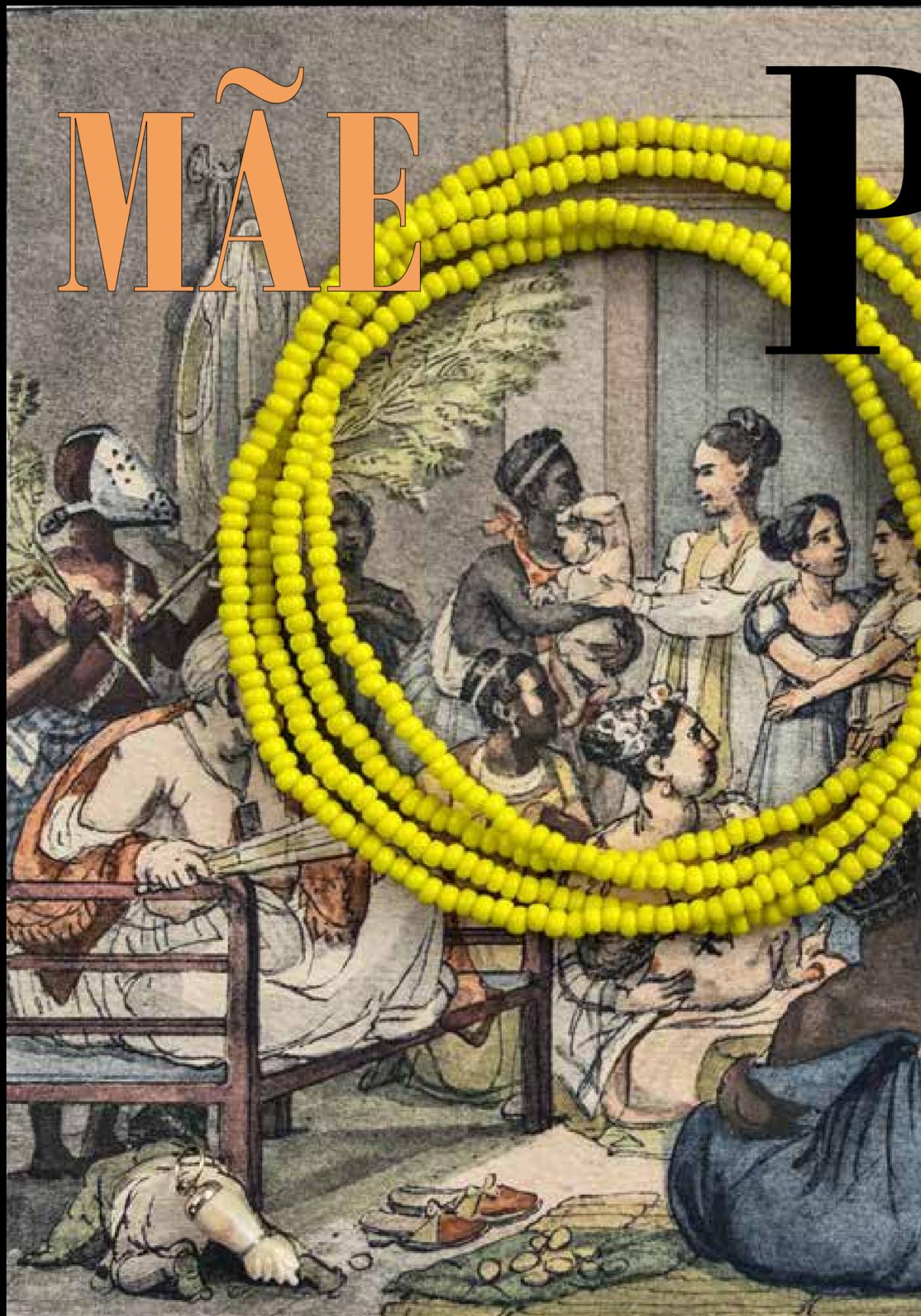
A exposição Mãe Preta, da dupla de artistas Isabel Löfgren e Patrícia Gouvêa, retoma a abertura para visitação neste sábado (24), no Instituto Pavão Cultural, em Barão Geraldo, às 14h. A mostra, que segue até o dia 8 de maio, é parte da programação do XII Festival Hercule Florence e faz uma reflexão sobre imagens da maternidade negra em arquivos históricos e a luta dessas mulheres contra o racismo e a violência. Além da exposição, uma Live no dia 1º de maio, às 11h, vai discutir a importância dessas representações. Além de Isabel, a iniciativa terá como convidadas Alessandra Ribeiro, historiadora e doutora em urbanismo pela PUC Campinas e diretora da Casa de Cultura Fazenda Roseira (onde ficou parte do acervo da exposição), e Andrea Mendes, artista e presidente do Conselho de Cultura de Campinas.

“É importante destacar que ao longo da exposição, houve outras lives e filmagens, como as do grupo CantaVento e dos músicos Otis Silimane e Rafa Carvalho, já que a visitação foi interrompida pelo Plano SP de combate à Covid-19. Foram organizadas, ainda, três rodas de conversa sobre temas que tangenciam as discussões levantadas pela exposição”, lembra a coordenadora artística e produtora executiva Ana Angélica Costa.

Mãe Preta teve sua primeira montagem em 2016, no Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos no Rio de Janeiro, por meio do Edital Fomenta Cidade Olímpica; pelo Palácio das Artes em Belo Horizonte, em 2017, como uma das selecionadas no edital da Fundação Clóvis Salgado; e, com o Prêmio Circulação Conexão Artes Visuais da Funarte, foi apresentada no Complexo Funarte em São Paulo, em 2018, e no Chão SLZ, em São Luís do Maranhão, entre 2018/2019.

Protocolos sanitários

A exposição seguirá os protocolos sanitários prévios em todos os locais, como o uso de máscaras obrigatório e visitas controla-



MÃE PRETA é o segundo projeto de Patrícia Gouvêa em dupla com a artista Isabel Löfgren (ver também Banco de Tempo) que busca traçar os elos e ressonâncias entre a condição social da maternidade durante a escravidão e as vozes de mulheres e mães negras na contemporaneidade. Apresenta uma releitura da iconografia relacionada às mães pretas na época colonial, como eram conhecidas as amas-de-leite escravizadas que amamentavam os filhos dos seus senhores, dentro de uma linguagem contemporânea. O ponto de partida são representações de relações maternas no vasto acervo de imagens da escravidão feitas por artistas viajantes e fotógrafos. Por meio de intervenções nessas imagens com objetos óticos, como lupas e vidros são destacadas a duplicidade e complexidade das relações das amas-de-leite com as crianças brancas aos seus cuidados e com seus próprios filhos.

A video-instalação “Modos de Fala e Escuta” faz a ponte da parte histórica para as vozes de mulheres e mães negras na contemporaneidade. Nele, sete mães negras concedem depoimentos sobre maternidade, memória, ancestralidade, invisibilidade e lutas cotidianas. Visite o site do projeto.

* Pesquisa contemplada em 2016 com o Edital Fomento da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, para realização da exposição no Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, Gamboa, Rio de Janeiro. Em 2017 foi uma das ganhadoras do 10o. Edital de Ocupação da Fundação Clóvis Salgado, com exposição no Palácio das Artes, Belo Horizonte. O Prêmio Funarte Conexão Circulação Artes Visuais, ganho em 2016, gerou as montagens na Galeria Mario Schenberg | Funarte São Paulo e no Chão SLZ, em São Luís do Maranhão, ambas em 2018.

+ info: www.maepreta.net

MÃE PRETA

EXPOSIÇÃO



MÃE PRETA (BLACK MOTHER) is an artistic research in partnership with Isabel Löfgren (see their previous project *Benches of Time*) that aims to trace the connections and echoes between the social status of motherhood during past slavery conditions and the voices of black women and mothers today. It presents a review through a contemporary artistic language of the iconography of black mothers from the Colonial Era, the enslaved women known as *amas-de-leite* (wet-nurses), who breastfed their masters' children. The representations of motherhood and maternal relationships, selected from the vast archives of pictures of slavery made by artists and photographers have been taken as the starting point for the research. Through interventions on these images with optical objects, such as magnifying glasses and glasses, the artists highlighted the duplicity and complexity of the different relationships entertained by the wet-nurses with both the white children they took care of and their own children.

The video-installation *“Modos de Fala e Escuta”* (“Ways of Speaking and Listening”) built the bridge between the past and contemporary voices. In this art piece, seven Black Mothers give testimonials about maternity, memory, ancestry, invisibility and everyday struggles. See the website of the project.

* Research granted in 2016 with “Fomento” open call for projects funded by the Culture Department of the Rio de Janeiro Municipality, to create the exhibition at the Pretos Novos Institute & Research Center (IPN), Rio de Janeiro. In 2017 it was one of the winners of the 10o. Edital de Ocupação da Fundação Clóvis Salgado, with an exhibition at Palácio das Artes, Belo Horizonte (MG, Brazil). With the prize Funarte Conexão Circulação Artes Visuais, won in 2016, two exhibitions were organized at Galeria Mario Schenberg | Funarte São Paulo and Chão SLZ, in São Luís do Maranhão, both in 2018.



das segundo as características de cada espaço. Todos os locais possuem área externa para aguardar o horário de visitação. As visitas podem ser feitas por agendamento prévio pelo telefone (19) 99633.4104 ou espontaneamente, sujeita ao controle máximo de 15 pessoas por horário. Os visitantes devem, ainda, seguir as orienta es do local, manter distanciamento social, higienizar os calçados na entrada, medir a temperatura e higienizar as mãos com álcool em gel disponível no local. Todas as informa es estão no site www.festivalherculeflorence.com.br

Serviço:

Exposi o Mãe Preta

Local: Instituto Pavão Cultural

Rua Maria Tereza Dias da Silva, 708 - Barão Geraldo - Campinas

Reabertura: 24/02, às 17h

Visita o: de 24/04 a 08/05 (de quarta   sábado), das 14 às 20h

Agendamento: (19) 99633-4104

Live Exposi o Mãe Preta

Data: 01/05/2021

Horário: 11h

Canal: <http://www.youtube.com/c/FESTIVALHERCULEFLORENCE>

Sobre o Festival

Criado em 2007, o Festival Hercule Florence tem como matriz a inven o isolada da fotografia no Brasil, feita em Campinas, em 1833, por Hercule Florence, considerado o pai da fotografia. Esse fato desencadeou na cidade atitudes fotográficas no percurso dos séculos. Dessa cultura fotográfica, nasceram os grupos de fotografia e o festival, a partir da cria o da Semana Hercule Florence. Mais de 120 mil pessoas e 80 fotogr fos brasileiros e estrangeiros já participaram do evento ao longo dos anos. Este ano, o XII Festival Hercule Florence   um dos projetos fomentados com recursos da Lei Aldir Blanc - EDITAL PROAC EXPRESSO LAB N  40/2020 por meio da SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DE SÃO PAULO.

Grátis Assistência Social

Oferidos pelo poder público local e organizações não governamentais do município

Movimento Assistencial Espírita Maria Rosa
Organização de serviço social
Campinas - SP
(19) 3246-0894

Os Seareiros
Núcleo Mãe Maria
Organização não governamental
Campinas - SP
(19) 3253-2646

Casa de Apoio à Vida
Organização de serviço social
Campinas - SP
(19) 3237-2019

Creche Mãe Cristina
Organização não governamental
Campinas - SP
(19) 3276-4166

CAVI - Assistência e Orientação à Gestantes Adultas e Adolescentes
Organização não governamental
Campinas - SP
(19) 3237-2019

Associação Casa de Apoio Santa Clara
Campinas/sp
(19) 3794-3500

Nave-Mãe "Mayara Masson Christofolletti"
Rua Marcelina Rodrigues Paschoal, 677, Jardim do Lago,

Renascer Abrigo Municipal
Abrigo para sem-teto
R. Paulo Setúbal, 85

Casa da Gestante
Rua Dona Rosa de Gusmão, 686
(19) 3368-9601



MÃES E O DIA

AO LADO 6 IMAGENS SOBRE COMO SURTIU O DIA DAS MÃES NO EXTERIOR E NO BRASIL

A comemoração foi criada no início do século 20 por uma ativista norte-americana e hoje é uma das datas mais importantes para o comércio mundial.

O Dia das Mães é a segunda data comercial mais importante dos Estados Unidos e do Brasil e perde apenas para o Natal. Em ambos os países (e em muitos outros), a celebração daquelas que nos trouxeram ao mundo ocorre anualmente no segundo domingo de maio. Nos EUA, a data surgiu graças a Anna Jarvis, filha de Ann Maria Jarvis — que fundou ONGs para ajudar mães que haviam perdido seus filhos precocemente. Com a morte da mãe, Anna lutou para que um dia dedicado à figura materna fosse criado no país. Em 9 de maio de 1914, o presidente Thomas Woodrow Wilson oficializou a celebração. A data logo se popularizou e virou tradição que filhos e filhas mandassem cartões e tortas para suas mães.



Anna Jarvis, filha de Ann Jarvis, criou o Dia das Mães

Mas Anna achou que o dia foi banalizado e o carinho à figura materna não estava sendo o suficiente. “Um cartão impresso significa que você é muito preguiçoso para escrever para a mulher que fez mais por você que qualquer outra pessoa”, disse. Ela até tentou abolir o feriado, mas sem sucesso.

NO BRASIL

A popularização dessa data nos Estados Unidos fez com que ela eventualmente chegasse ao Brasil. Os historiadores falam que a primeira celebração do tipo aconteceu aqui em 12 de maio de 1918, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Essa primeira vez foi promovida pela Associação Cristã dos Moços do Rio Grande do Sul. O Dia das Mães foi oficializado no Brasil na década de 1930, quando o presidente Getúlio Vargas emitiu o Decreto nº 21.366, em 5 de maio de 1932. Por meio desse documento, determinou-se o

segundo domingo de maio como momento para comemorar os “sentimentos e virtudes” do amor materno.

Essa data foi uma conquista realizada por influência do movimento feminista brasileiro, que estava em crescimento. Outra conquista importante na época foi o sufrágio universal feminino, decretado também em 1932.

O Dia das Mães também faz parte do calendário oficial da Igreja Católica. Não demorou para que a data se tornasse uma das mais queridas do ano.

COMERCIALIZAÇÃO

Com a oficialização da data, ela se popularizou mais ainda nos Estados Unidos. Entretanto, Anna Jarvis tornou-se crítica ao Dia das Mães por conta da sua comercialização. O intuito dela era que a data fosse algo voltado para a questão sentimental e que, portanto, não fosse explorada como momento para obter-se lucro. Ela criticava bastante a venda de cartões feitos para a data, pois considerava que quem os comprava era preguiçoso demais para fazer uma dedicatória escrita à mão.

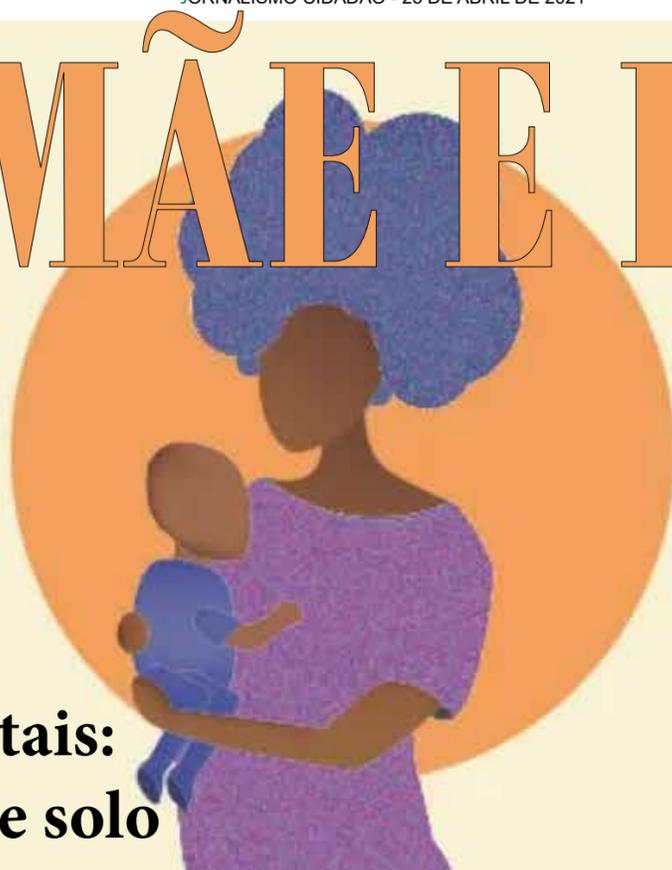
Aqui no Brasil a situação não foi diferente. Uma vez criada a data comemorativa, a prática de celebrar o Dia das Mães foi crescendo e tornou-se uma das celebrações mais importantes do ano. Atualmente, o Dia das Mães é a segunda data comemorativa mais importante para o comércio brasileiro, ficando atrás apenas do Natal.

O Dia das Mães brasileiro seguiu a tradição instituída nos Estados Unidos, e a comemoração, como mencionado, é realizada no segundo domingo do mês de maio. Outros países no mundo, como Dinamarca, Alemanha, Austrália, Malásia e Uruguai, também celebram-no nessa data. Entretanto, nem todos os países seguem a tradição norte-americana e, portanto, comemoram o Dia das Mães em outra data. A Rússia e a Sérvia, por exemplo, comemoram-no no dia 8 de março; a Noruega, no segundo domingo de fevereiro; o Líbano, no início da primavera no Hemisfério Norte (21 de março); e a Argentina, no terceiro domingo de outubro.

MÃE E FILHO

53,5%

das famílias é composta apenas por mãe e filhos



86,5%

das crianças com menos de 4 anos tem como primeira responsável a mãe.

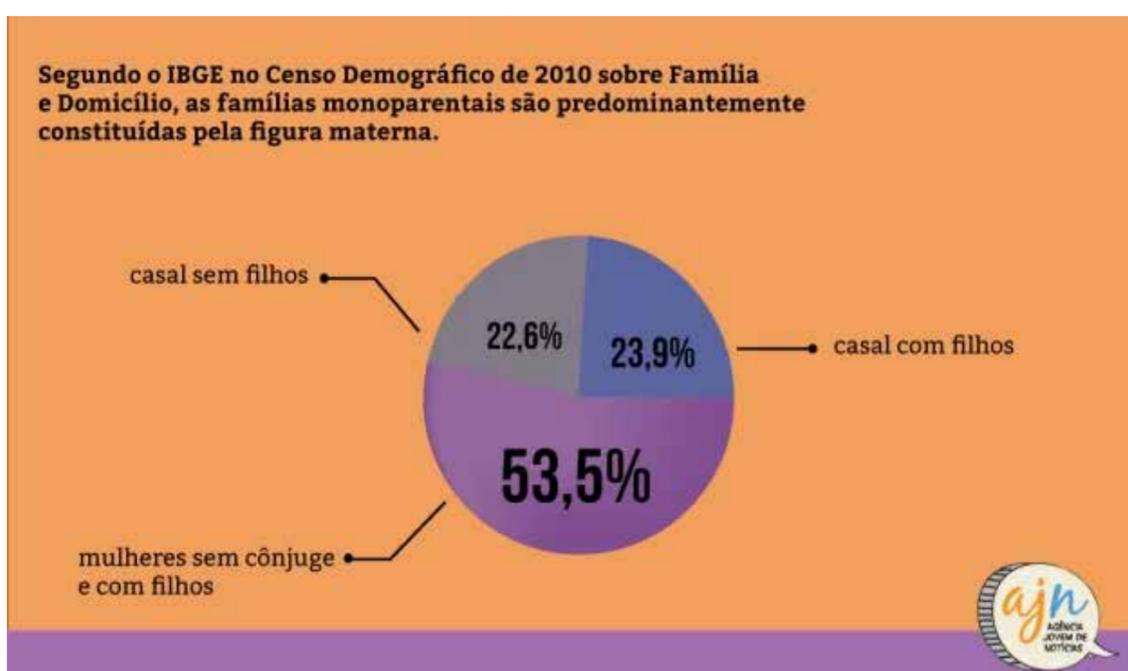
Famílias monoparentais: os desafios de ser mãe solo

As famílias monoparentais são muito comuns por todo o mundo. Segundo a Constituição Federal, é intitulada como família monoparental ou uniparental aquela que é constituída por apenas um dos pais (pai ou mãe) e seus filhos. Cartórios apontam que 6,31% das crianças foram registradas sem o nome do pai no Brasil no primeiro semestre de 2020. O levantamento foi divulgado pela Associação Nacional dos Registradores Civis de Pessoas Naturais (Arpen Brasil) em agosto de 2020.

Dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com base no Censo Escolar de 2011, apontam que há 5,5 milhões de crianças brasileiras sem o nome do pai na certidão de nascimento.

O Estado do Rio lidera o ranking, com 677.676 crianças sem filiação completa, seguido por São Paulo, com 663.375 crianças com pai desconhecido. O Estado com menos problemas é Roraima, com 19.203 crianças que só têm o nome da mãe no registro de nascimento.

“É um número assustador, um indício de irresponsabilidade social. Em São Paulo, quase 700 mil crianças não terem o nome do pai na certidão é um absurdo”, diz Álvaro Villaça Azevedo, professor de Direito Civil da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) e diretor da Faculdade de Direito



Família monoparental e o amparo jurídico

A legislação e a doutrina nomina a família monoparental, contudo não existe um estatuto protetivo a essa família. Ou como bem coloca Paulo Lobo: “a família monoparental não é dotada de um estatuto próprio, com deveres específicos, sendo-lhe aplicáveis as regras do direito de família, atinentes às relações de parentesco em geral. Na ocorrência da aquisição da maioridade ou emancipação do filho, deixa de existir o poder familiar, reduzindo-se a entidade monoparental apenas às relações de parentesco, inclusive no que tange ao direito alimentar.”

Contudo, faz-se necessário um novo olhar protetivo a essas famílias, principalmente porque temos dados estatísticos de que essas famílias estão presentes em nossa sociedade.

E esses dados não são recentes, vejamos:

Já em 1990 o IBGE ao apresentar o resultado do censo apontou que 13,9% do total de famílias brasileiras são famílias monoparentais.

E seguindo os dados do IBGE de 1995 a 2005 as famílias monoparentais, chefiadas por mulheres seus filhos, passou de 17,4% para 20,1% no Nordeste e no Sudeste de 15,9% para 18,3%.

Entre 2005 e 2015, ou seja, passados 10 anos, o Brasil ganhou 1,1 milhão de famílias monoparentais, sendo a mãe com a sua prole. Em 2005 eram 10,5 milhões de famílias monoparentais (mulheres sem cônjuge e com filhos) e em 2015, apontam 11,6 milhões de famílias monoparentais.

E mesmo com todas essas

famílias monoparentais, não existe para elas um tratamento diferenciado.

Apesar de existirem famílias monoparentais chefiadas por homens o percentual é muito baixo, sendo que em 2004 foram mapeadas o total de 17,7% de famílias monoparentais chefiadas por homens em oposição às 82,3% das famílias monoparentais chefiadas pelas mulheres. Diante desses dados, faz-se necessário e urgente pensar em como amparar essas famílias. Pois, em que pese termos a previsão constitucional ela não dispõe de um diploma normativo próprio, como existe no caso do casamento e da união estável. E precisamos falar sobre isso e pensar sobre o tema, pois essa família também tem o direito de ser amparada por meio de um ordenamento próprio.

da Fundação Armando Alvares Penteado (Faap).

Uma família monoparental pode ser constituída por inúmeras razões. Por livre escolha, como adoção e gestações ocasionadas através de inseminação artificial, ou quando ocorre abandono, término de relacionamento ou viúves.

Segundo o Censo Demográfico de 2010 sobre Família e Domicílio, as famílias monoparentais são predominantemente constituídas pela figura materna.

As famílias que são mantidas predominantemente pela figura feminina, refletem o cenário injusto e machista em que vivemos. Segundo uma pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, a mulher continua sendo a principal responsável pelos filhos.

“Em 2015, das 10,3 milhões de crianças brasileiras com menos de 4 anos, 83,6% (8,6 milhões) tinham como primeira responsável uma mulher (mãe, mãe de criação ou madrastra).”

Essas mulheres são chamadas de “mães solas”. Independentemente de serem solteiras, casadas, viúvas, ou divorciadas, elas são as principais ou até mesmo as únicas responsáveis pelos filhos, seja financeiramente ou por disponibilidade de tempo. E essa tarefa carrega grandes desafios.





REFLEXÃO

Agência Jovem De Notícias - Por: Jefferson Rozeno / Foto: Divulgação



É preciso repensar o Dia das Mães

Sempre no segundo domingo do mês de maio, é comemorado o dia das mães, o que pouca gente sabe é que essa data foi criada com um propósito, que se perdeu entre tantos anos de comemoração.

Quem popularizou às homenagens ao dia das mães foram as ativista feministas Ann Maria Reeves Jarvis e sua filha Anna Jarvis que anos depois da morte de sua mãe, criou um memorial em homenagem e iniciou uma campanha para que o Dia das Mães fosse um feriado reconhecido. Ela obteve sucesso ao torná-lo oficial nos Estados Unidos em 8 de maio de 1914. Data que se popularizou internacionalmente

Pautadas pelo feminismo e ideais de valorização da mulher, o data possuía objetivos bem diferentes, a proposta original era que os filhos visitassem suas mães e passassem o dia com elas,

agradecendo pelos esforços que elas fizeram em sua criação. Entretanto, a data acabou pendendo para o lado comercial. Com a crescente comercialização do Dia das Mães Anna Jarvis afastou-se do movimento, lamentou por sua própria criação e inclusive lutou para a abolição do feriado.

Hoje, o dia das mães representa a 3º data de maior faturamento do calendário varejista online do Brasil com resultados atrás apenas da Black Friday e do Natal, de acordo com a Ebit, estima-se que as vendas alcancem R\$ 2,16 bilhões, considerando o Brasil como cenário principal da pesquisa, o termo “dia das mães” está 50% mais procurado em março deste ano. Para os produtos, palavras-chave como “geladeiras em promoção”, “fritadeira elétrica”, “máquina de lavar” e “microondas” tiveram um aumento de procura, respectivamente, de 124%,

83%, 50% e 49% entre maio 2016 e 2017.

A escolha de presentear mães com utensílios domésticos reacendem um debate pautado no feminismo, eles reforçam estereótipos negativos: “Presentear mães com utensílios de cozinha e eletrodomésticos reforça estereótipos machistas por que com esses tipo de “presente” está implícita a ideia de que os afazeres domésticos são obrigações da mulher (mãe). Utensílios domésticos raramente são dados a homens, ainda menos no dia dos pais”. É o que conta Ana M, artesã, professora de dança e idealizadora da página ventre feminista.

Vivemos em uma sociedade desigual, mulheres ainda recebem menos que os homens, são as que mais sofrem com violência e privação de direitos, para a feminista este é um problema estrutural da sociedade que influencia diretamente

o consumo, nos shoppings e lojas, os anúncios frequentes de produtos para a casa, reafirmam essa cultura de consumo estereotipado, associando a mulher com o papel de “dona de casa”, “serviçal”, “prestadora de serviços intrafamiliar”.

Ana, aponta as diferenças entre esta e outra data parecida, o dia dos pais, “No dia dos pais, nota-se que as “sugestões” do comércio de presentes são bem diferentes das sugestões do dia das mães. Parece que mulheres não compram carro, não usam celular, não fazem churrasco, não bebem cerveja, apenas limpam e cozinham [...]

A sociedade lê os papéis de homens e mulheres de formas muito diferentes. Embora dispostos a mudar e realmente valorizar nossas mães, reproduzimos esses estereótipos por vezes até de forma inocente, por este motivo criamos algumas

dicas para valorizar essas pessoas incríveis que chamamos de mãe.

- 1-Presenteie sua mãe e não a si mesmo: Quando escolher algo para sua mãe, pense apenas nela, e sem seu bem estar. Quando você compra algo para a casa, obviamente o presente não será dela e sim dos possíveis moradores da família.
- 2-Beleza e autoestima: Perfumes, roupas e acessórios podem ser uma ótima opção para valorizar a beleza que já existe em sua mãe, certifique-se se ela realmente gosta destes produtos!
- 3-Autoconhecimento: Livros, viagens coisas relacionadas promovem o autoconhecimento e equilíbrio emocional, pauta frequentemente abordada na área da saúde da mulher
- 4-Fique com sua mãe: O principal é passar um tempo com sua figura materna, enchê-la de carinho, e gratidão.





DENUNCIAS

Por Frederico Kling - FEAC - Campinas/SP

Pandemia prejudica denúncias pela mulher

Pandemia invisível. Esse foi o termo usado por Phumzile Mlambo-Ngcuka, diretora-executiva da ONU Mulheres e vice-secretária geral das Nações Unidas, para descrever, em abril de 2020, o possível aumento de casos de violência contra mulheres e meninas com o avanço de medidas de isolamento para conter a pandemia. Quase um ano depois, dados e relatos confirmam o temor de Phumzile sobre a situação de crianças e mulheres.

Entre 2017 e 2019, houve um aumento de 22% nos crimes de estupro de vulnerável (pessoas com menos de 14 anos) no estado de São Paulo. No primeiro semestre de 2020, porém, ocorreu uma queda de 15%. Os dados são do relatório Análise da ocorrência de estupro de vulnerável no estado de São Paulo – elaborado pelo Instituto Sou da Paz, Ministério Público de São Paulo e Unicef –, de novembro de 2020.

BOA NOTICIA?

O que à primeira vista parece uma boa notícia trata-se, na verdade, de um sinal preocupante. A queda não se deu porque diminuíram os casos, e sim porque eles pararam de ser notificados. “Havia a preocupação de que fosse haver subnotificação com o

fechamento de canais de denúncia, e foi isso que o relatório mostrou”, afirma Cristina Neme, coordenadora de projetos do Instituto Sou da Paz e autora do documento.

Juliana Di Thomazo, líder do Programa Primeira Infância em Foco, da Fundação FEAC, aponta que o fechamento de escolas pode explicar a subnotificação. “Elas são parte da rede de proteção das crianças. Muitos casos de violência, principalmente os pouco escancarados, são percebidas no contato cotidiano, e os professores são atentos ao comportamento dos alunos.”

AUMENTO DA VIOLÊNCIA

A pandemia, segundo Juliana, também deixou as crianças ainda mais vulneráveis e expostas, pois os pais muitas vezes tinham de procurar alternativas de onde deixá-las para irem trabalhar. Agravamento da violência As mulheres foram outro público vulnerável que teve sua situação especialmente agravada por causa da pandemia. A FEAC tem um projeto, o Entre Laços e Nós, que lida com a violência de gênero, fazendo o atendimento a vítimas e um trabalho de desnaturalização desse fenômeno.

“A iniciativa atende cerca de 140 pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos,

predominantemente, mulheres, divididas em grupos, mas tivemos de parar os encontros presenciais por causa das restrições sanitárias. Nós percebemos uma diminuição das notificações de violência”, explica Tamiris Cantares, psicóloga do Progen, OSC parceira da FEAC na execução do projeto.

Em casos mais graves, no entanto, foi preciso amparar presencialmente mulheres vítimas de violência. “Houve momentos em que tivemos de acolher a vítima e até ir com ela no Instituto Médico Legal para fazer exames”, conta Paloma Casarini, coordenadora técnica do Progen.

“Temos um contexto de crise sanitária e econômica, no qual a proximidade entre vítima e agressor se torna mais frequente, aliado à dificuldade de acesso a locais seguros de acolhida e atendimento. Isso gera um cenário ainda mais grave para uma situação já tão séria no nosso país”, ressalta Natália Valente, líder do Programa Enfrentamento de Violências da FEAC.

CONSEQUÊNCIAS

Uma das consequências da maior dificuldade para denunciar violência contra mulheres é que os casos acabam vindo a público em situações mais graves do que antes. “Nós éramos pro-

curados por mulheres que foram xingadas, humilhadas. Mas, com a pandemia, elas começaram a chegar já com a situação bem agravada, em alguns casos, até mesmo precisando de acolhimento”, diz Elza Frattini, coordenadora do Centro de Referência e Apoio à Mulher (Ceamo), da prefeitura de Campinas.

Uma das principais dificuldades é romper o ciclo de violência ao qual a mulher está submetida. É muito difícil que ela consiga fazer isso sozinha, muitas vezes, é necessário que alguém a ajude. O isolamento decorrente da pandemia, no entanto, invisibilizou ainda mais uma situação que já era bem invisível. “A mulher ficou sozinha”, resume Paloma.

Lidando com a violência

LIDAR COM A VIOLÊNCIA

No final de janeiro, a história de um menino mantido acorrentado dentro de um barril, em Campinas, chocou o país. O caso só foi revelado porque vizinhos notaram que a criança não aparecia mais para brincar na rua, e entraram em contato com a polícia.

Se a história é um exemplo de uma violência invisível em decorrência da pandemia, ela também traz consigo uma das maneiras de interrompê-la. Quando instituições como escolas e OSC estão

fechadas ou com seu funcionamento limitado, a vizinhança se torna fundamental.

CONCIENTIZAÇÃO

“É necessário aumentar a conscientização sobre o tema e divulgar canais de denúncia virtual”, alerta Cristina, do Instituto Sou da Paz. A FEAC fez exatamente isso após o caso do menino, fazendo uma matéria e posts com informações sobre como denunciar violências contra crianças. No caso de agressão às mulheres, vai-se contra o velho ditado: em briga de marido e mulher, mete-se a colher, sim. “Trata-se de a sociedade conseguir reconhecer uma situação de violência e levar para a vítima as informações necessárias para que ela consiga sair do ciclo”, diz Elza, do Ceamo.

Durante a pandemia, o Progen tem realizado envios e publicações de vídeos, atendimentos remotos via vídeo chamada e contatos telefônicos com os participantes, falando sobre a violência contra como mulheres, crianças e idosos, e divulgando canais de denúncia e atendimento a esse público. Essas informações e esse olhar da comunidade são ainda mais importantes agora que a pandemia está em seu pior momento, demandando ações ainda mais restritivas.





SOLOS E PANDEMIA

Ilustração: Marília Ferrari/

Um retrato delas na pandemia

Por Vitória Régia da Silva - generonumero.media

Se antes a conta já não fechava para a gente, agora é ainda pior". O desabafo de Fabiana Rodrigues da Silva, 35 anos, mãe de Alex, de 2 anos, ressoa nas mais de 11 milhões de mães solo no Brasil que vivem diariamente o impacto da pandemia causada pelo novo coronavírus, de acordo com dados levantados pelo IBGE em 2018. Mães solo são as mulheres que são as únicas ou principais responsáveis pela criança. Elas, que já viviam uma rotina muitas vezes de tripla jornada para dar conta da criação dos filhos, do trabalho e da casa, estão em uma situação de ainda mais vulnerabilidade devido à crise de saúde que assola o país e impõe o isolamento social como medida para tentar evitar a propagação da covid-19.

"Mesmo estando vulnerável à covid-19, não tenho nem a possibilidade de estar doente nesse momento. Eu trabalho e ganho por hora, além de estar sozinha com meu filho, por isso tenho muito medo de alguma coisa acontecer comigo porque não tem outra pessoa para ficar responsável por ele", destaca Silva. "Ao mesmo tempo, não dá para parar. As necessidades do meu filho não param. Uma coisa é eu estar com fome e outra é meu filho. Como você fala para uma criança que não tem comida?"

Professora de dança, a mineira

que mora há mais de dez anos em São Paulo viu todos os seus contratos de trabalho serem cancelados desde que foi decretado o isolamento social na capital paulista, no dia 24 de março. Sem contar com uma rede de apoio na cidade ou ter ajuda do pai da criança, ela teve que pedir dinheiro emprestado e depender de outras pessoas. Depois de 45 dias em isolamento social, recebeu a primeira parcela da Renda Emergencial Básica, que oferece um auxílio de R\$ 1.200, por três meses, para mães sem cônjuge, o equivalente ao que uma família de dois adultos que estejam no trabalho informal recebe. De acordo com o Governo Federal, o pagamento do auxílio deve ser prorrogado por mais dois meses, mas ainda não há definição sobre o assunto e nem se o valor será mantido ou haverá redução.

"Nesses dez anos em que eu moro em São Paulo, sempre consegui sobreviver de dança, tinha um lugar de conforto por trabalhar com o que eu gosto e conseguir pagar minhas contas. Porém, quando parou tudo foi muito desesperador, porque eu não sabia como iria me manter e criar meu filho", conta a mãe de



Alex. Segundo Thaiz Leão, co-coordenadora da Frente Parlamentar de Primeira Infância do Estado de São Paulo e Diretora Executiva do Instituto Casa Mãe, o isolamento, medida necessária em tempos de pandemia de covid-19, já era uma prática vivida pelas mães, principalmente as chefes de família.

"As mães já sofrem com isso, porque a dimensão da infância e do compartilhamento social do cuidado dos filhos não existe. O que temos hoje é um agravamento, porque as poucas fontes de compartilhamento desse cuidado, como escola, o acesso ao trabalho e ao mundo, foram limitadas para essas mães para dentro da casa delas", analisa Leão. "Os vínculos se quebram, a economia cai

e o cuidado triplica. As crianças estão dentro de casa, e sabemos bem em quem recai essa responsabilidade, ainda mais no caso de mães solo, que já não têm com quem dividir essas demandas".

Também designer e autora do livro "O exército de uma mulher só" (Editora Belas Letras), que mostra a sua história, desde o teste de farmácia até o parto do filho, Vicente, hoje com 6 anos, Leão

afirma que existe uma grande distância entre o que se espera e se cobra das mães e a realidade que elas vivem: "A experiência que definimos hoje de maternidade é desumana, violenta, de solidão e sobrecarga. A questão agora não é nem mais segurar a curva, mas não cair do precipício, porque já estávamos na beirada antes mesmo de chegar o coronavírus"

Assim como a professora de dança Fabiana Rodrigues da Silva, a maioria das mães solo no país são negras (61%), segundo o IBGE. A raça dessas mulheres impõe ainda mais barreiras de acesso a direitos básicos que são agravados pela pandemia. No Brasil, 63% das casas chefiadas por mulheres negras estão abaixo

da linha da pobreza, segundo a Síntese dos Indicadores Sociais, do IBGE. Em 2018, segundo o estudo, esse valor equivalia a aproximadamente R\$ 145 mensais, por pessoa.

As mulheres negras enfrentam maior restrição a condições de moradia, saneamento básico e internet nos arranjos em que são as chefes da família. A proporção das mães negras solo com filhos é maior em relação às mães brancas em casas com ao menos uma inadequação, como a falta de banheiro exclusivo, construção feita com material não-durável ou mais de três moradores por quarto. Proporcionalmente, a cada 100 mães solo com filhos com menos de 14 anos, 4,6 mulheres negras não contam com um banheiro exclusivo – entre as mulheres brancas, a proporção cai para 1,4.

A desigualdade racial também se reflete no acesso a saneamento básico e internet, já que 42% mulheres negras não contam com saneamento básico e 28% não têm internet, em comparação a 28% e 23% das mulheres brancas, respectivamente. Em meio a mudanças nas dinâmicas de trabalho, com preferência para trabalho em casa e chamadas de vídeo, a falta de conectividade impacta diretamente na fonte de renda dessas mulheres.

PANDEMIA/ESCOLA



Desafio da educação no isolamento social

Por Camila da Silva, Glória Maria e Sanara Santos- generonumero.media

Com as aulas virtuais – que começaram em 13 de março e ainda não há previsão de acabar – adotadas durante a pandemia, o trabalho aumentou. A preparação da aula, que poderia durar entre uma ou uma hora e meia, agora consomem três horas de trabalho porque inclui gravação, edição de vídeo e adequação do conteúdo para o contexto dos alunos.

Além dos casos de desânimo, a atenção é mais especial para estudantes que vêm de contextos de violência doméstica, familiar e/ou são portadores de deficiência. Casos de automutilação e estresse pós-traumático, que já foram vistos e cuidados presencialmente por Magda Procópio e outros professores, agora fogem aos olhos. “Quando falamos também de ser mãe solo, o que é essa mãe? É ser mãe e pai duas vezes. Eu me faço ser importante na vida do meu filho e dos meus alunos”, conta.

ENSINO PÚBLICO

Essas professoras são os rostos do ensino público paulista e são elas que, muitas vezes em um contexto escolar presencial, passam maior parte do tempo com as crianças e jovens. Em São Paulo, onde

Linha da pobreza chega antes para mulheres negras com filhos até 14 anos

40% Mães solas brancas



está localizada a maior rede de ensino público do Brasil, 64% dos docentes são mulheres, são mais de 5.700 instituições de ensino (fundamental, médio, técnico e educação de jovens e adultos) e 1,4 milhão de alunos matriculados, com 205 mil docentes, de acordo com dados do microcenso de 2016 da Secretaria de Educação do Estado.

Para quem ensina crianças no período da primeira infância, a atenção é ainda maior, diz Brunna Martins, de 28 anos, que é neuropedagoga, professora de ensino infantil e mãe de Sara, de 3 anos. “Nesse

estágio de desenvolvimento da criança, ela precisa do toque, do cuidado da professora. Mesmo os pais do lado, quando não estão trabalhando, não substituem a professora dentro de sala com o aluno”, pontua. Na outra ponta dessa nova dinâmica escolar, estão as mães que, de uma hora para outra, viram-se diante do desafio de ter que assumir ou acompanhar mais de perto a educação dos filhos. Neste cenário, o fechamento das escolas, imposto pelo isolamento social, significa mais do que ter crianças em casa 24 horas por dia. Segundo dados do Censo Es-

63% Mães solas negras



colar, em 2019 havia 47,9 milhões de alunos matriculados na educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) em todo o país, nas redes pública e particular.

AULAS ON LINE

Embora a saída para que os alunos não perdessem o ano escolar tenha sido principalmente as aulas online, a realidade brasileira mostrou que os obstáculos para um aprendizado igualitário são muitos, e para as mães que pararam de estudar há muito tempo e/ou têm nível de escolaridade

mais baixo, o desafio é ainda maior.

Além de terem se transformado em “professoras” de uma hora para outra, as mães enfrentam o desafio de, também repentinamente, terem que oferecer aos filhos um acesso adequado à internet para que seus estudos não sejam ainda mais prejudicados. E, neste ponto, as desigualdades mais uma vez são determinantes.

CONNECTIVIDADE

De acordo com a TIC Domicílios, estudo feito anualmente pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), embora 70% dos lares em áreas urbanas estejam conectados, as diferenças ao se analisar as classes sociais são gritantes: entre os mais ricos (classes A e B), 96,5% das casas têm sinal de internet; já nas classes D e E, 59% não conseguem navegar na rede. Entre a população cuja renda familiar é inferior a 1 salário mínimo, 78% das pessoas com acesso à internet usam exclusivamente o celular. Segundo o IBGE, a cada 100 mães solo, 21 negras e 14 brancas não têm acesso à internet.



CARGA MENTAL

Resultado das demandas femininas

Por Isabela Mena - Verbeta Draft

A definição deriva de um conceito chamado Emotional Labor, criado em 1983, sem distinção de gênero. A partir dos anos 2000, passou a se alargar para abraçar demandas feministas e faz parte do vocabulário dos empreendedores da nova economia. São termos e expressões que você precisa saber: seja para conhecer as novas ferramentas que vão impulsionar seus negócios ou para te ajudar a falar a mesma língua de mentores e investidores.

O que acham que é: Excesso de trabalho intelectual.

O que realmente é: Carga Mental é o termo utilizado para descrever o trabalho constante de atenção, gerenciamento e planejamento das tarefas domésticas e/ou profissionais que recai majoritariamente sobre as mulheres. É um trabalho invisível, sem reconhecimento ou valia, e extremamente desgastante do ponto de vista emocional.

A definição deriva de um conceito chamado Emotional Labor, criado em 1983, sem distinção de gênero (leia mais no item "Origem"). A partir dos anos 2000, passou a se alargar para alcançar demandas feministas e deixar a exclusividade do meio acadêmico. Quando chegou às redes sociais se expandiu ainda mais, e passou a gerar as inerentes controvérsias e erros de interpretação. Mas também

mídia positiva: há uma miríade de textos publicados em veículos importantes, New York Times e The Guardian incluídos.

Um caso assim aconteceu há menos de um mês, em um post no Twitter. Uma usuária fez um longo e bem-intencionado fio envolvendo o que ela acreditava ser Emotional Labor e, justamente pela confusão de sentidos, o post viralizou. A Vogue americana aproveitou a repercussão para publicar o texto "Emotional Labor is not what you think it is" (link no item "Para saber mais"), e desenrolar o conceito a seus leitores.

Origem: Em 1983, a socióloga norte-americana Arlie Hochschild publicou, em um livro intitulado *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*, o trabalho acadêmico no qual estudou a necessidade de gerenciamento de emoções que alguns cargos e situações exigem de seus funcionários. Para classificar essa exigência não oficial (que tem como objetivo agradar um cliente ou um colega), Hochschild cunhou o termo Emotional Labor.

No feminismo: Em 2004, duas acadêmicas norte-americanas, Mary Ellen Guy e Meredith Newman, publicaram um paper intitulado *Women's Jobs, Men's Jobs: Sex Segregation and Emotional Labor*, no qual argumentam que o trabalho emocional

contribuiu para exacerbar a diferença salarial entre os sexos. Mas foi só cerca de dez anos depois que o conceito foi parar na internet como o conhecemos hoje, ou seja, se popularizou. A responsável por isso é a escritora e editora Jess Zimmerman, colunista de cultura tech do *The Guardian*, e seu texto "Where's My Cut?: On Unpaid Emotional Labor", (link no item "Para saber mais") publicado no site *The Toast*, em 2015. É aqui que Carga Mental expande seus contornos para o ambiente doméstico. Segue um pequeno trecho, em tradução livre:

SEXO NÃO É TRABALHO

"Trabalho doméstico não é trabalho. Sexo não é trabalho. Trabalho emocional não é trabalho. Por quê? Pelo fato de não demandarem esforço? Não, pelo fato de que mulheres, em teoria, devem provê-los sem ganhar nada em troca, somente pela bondade de seus corações." O texto de Zimmerman é tão abrangente quanto pungente mas não se tornaria o ponto zero da Carga Mental na cultura pop se ela não trouxesse para as novas gerações as mais importantes feministas do século XX. Em seu texto, Zimmerman transcreve um trecho produzido em 1975 pela filósofa, escritora e militante feminista italiana

Silvia Federici.

Vale citar aqui uma contribuição ainda anterior de Federici e que provavelmente inspirou o paper de Ellen Guy e Newman: em 1972, a acadêmica participou da fundação da campanha *Wages for Housework*, do Coletivo Feminista Internacional, exigindo que os governos da Itália, do Reino Unido e dos Estados Unidos pagassem salário pelo trabalho que mulheres faziam em casa.

O trabalho invisível: Por mais variáveis que as tarefas invisíveis possam ser, uma lista com alguns itens, facilmente encontra ressonância na maioria das mulheres, nem que seja por analogia.

Por exemplo, lembrar datas de aniversários dos familiares e amigos; saber o que tem, o que falta na geladeira e o que precisa ser comprado; em um cenário, fazer as compras e cozinhar; em outro, explicar à funcionária como deve ser feito esse e os demais serviços da casa; ir à academia; entregar o relatório para o chefe; ver que é preciso lavar as cortinas, que houve uma cobrança errada no cartão de crédito, que a tinturaria não entregou a roupa no prazo, que precisa contratar uma estagiária no escritório, que falta água nas plantas, que o filho ralou o joelho, que a professora mandou um recado, que a roupa

da escola rasgou, que acabou a comida do gato, que o colega mandou mensagem dizendo que não vai trabalhar e ela precisa ir mais cedo, que não tem como fazer isso, mas vai dar um jeito.

Ressalte-se que mulheres são consideradas multitask, como se geneticamente fossem capazes de focar e resolver diversas coisas ao mesmo tempo. Se o fazem, na maioria dos casos, é por falta de opção.

Consequências: Exaustão, baixa produtividade, mau desempenho no trabalho, problemas de relacionamento e, em última instância, doenças mentais (como depressão), ou físicas. Segundo Flávia Ávila, especialista em Economia Comportamental e fundadora da consultoria *InBehavior Lab*, a Carga Mental leva ao conceito de escassez, cunhado pelos acadêmicos Sendhil Mullainathan, professor de economia em Harvard, e Eldar Shafir, professor de psicologia em Princeton.

"O ser humano tem uma limitação cognitiva. Suponhamos que, em uma determinada escala, esse limite seja 100. Quando há Carga Mental, as mulheres estão praticamente forçando esse limite, não há espaço mental para que se tome uma decisão pensando unicamente nela. E isso, claro, piora a capacidade do processo decisório", diz.

DOMÉSTICAS



45%
das empregadas
domésticas foram
dispensadas do trabalho
durante a pandemia sem
nenhuma remuneração

Desafios do trabalho doméstico

Por Luana Pinheiro: Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea. - Fernanda Lira: Técnica de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea. Marcela Rezende: Especialista em políticas públicas e gestão governamental na Disoc/Ipea. - Natália Fontoura: Especialista em políticas públicas e gestão governamental na Disoc/Ipea.

O trabalho doméstico ocupava, em 2018, mais de 5,7 milhões de mulheres no Brasil. Ainda que os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e os da PNAD Contínua não sejam perfeitamente comparáveis, é possível perceber que, no período acompanhado pelo projeto Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, a proporção de mulheres ocupadas no trabalho doméstico apresentou uma tendência de redução: de cerca de 17% (chegando a 22% para as negras), em 1995, para 14,6% (no caso das mulheres negras, 18,6%), em 2018. Mas esse movimento de queda parece ter se arrefecido no último triênio, sendo possível perceber uma nova tendência, de estabilidade na proporção de homens e mulheres ocupados em trabalho doméstico. Essa categoria vem passando por uma série de mudanças importantes, que têm alterado não apenas a composição de sua força de trabalho, mas também as condições nas quais esse trabalho é exercido. Em 2018, menos de 1% das trabalhadoras residiam no mesmo domicílio em que trabalhavam. A proporção de mulheres idosas (com mais de 60 anos) cresceu de forma muito mais intensa para as trabalhadoras domésticas do que para as mulheres ocupadas de forma geral. No outro extremo, o peso das mais jovens se reduziu de maneira muito mais intensa. Assim, o processo de envelhecimento tem sido mais intenso no emprego

doméstico. Um dos fenômenos mais importantes nesse contexto refere-se ao crescimento do número de diaristas. Os dados de 2018 mostram que cerca de 30% das trabalhadoras domésticas prestavam serviços em mais de um domicílio, sendo este valor um pouco maior para as brancas do que para as negras. A PNAD Contínua não traz informações sobre o número de dias que as trabalhadoras atuam em cada domicílio, mas traz dados sobre sua jornada de trabalho, tornando possível construir uma proxy para as categorias de diarista e mensalista que leve em conta também o número de dias trabalhados e, assim, a existência de trabalhos com exigência legal de formalização de vínculos empregatícios. Definiu-se, portanto, que diaristas são aquelas que trabalham em mais de um domicílio ou as que trabalham em apenas um domicílio, mas com jornadas semanais de até 16 horas, o que equivaleria a dois dias na semana. Na categoria de mensalistas, entram todas as demais trabalhadoras.

PROPORCIONALIDADE

Os resultados para esta proxy indicam que, em 2018, as diaristas já respondiam por 44% da categoria, o que O trabalho doméstico ocupava, em 2018, mais de 5,7 milhões de mulheres no Brasil. Ainda que os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e

os da PNAD Contínua não sejam perfeitamente comparáveis, é possível perceber que, no período acompanhado pelo projeto Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, a proporção de mulheres ocupadas no trabalho doméstico apresentou uma tendência de redução: de cerca de 17% (chegando a 22% para as negras), em 1995, para 14,6% (no caso das mulheres negras, 18,6%), em 2018. Mas esse movimento de queda parece ter se arrefecido no último triênio, sendo possível perceber uma nova tendência, de estabilidade a proporção de homens e mulheres ocupados em

DE 2018 PARA CÁ

O trabalho doméstico ocupava, em 2018, mais de 5,7 milhões de mulheres no Brasil. Ainda que os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e os da PNAD Contínua não sejam perfeitamente comparáveis, é possível perceber que, no período acompanhado pelo projeto Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, a proporção de mulheres ocupadas no trabalho doméstico apresentou uma tendência de redução: de cerca de 17% (chegando a 22% para as negras), em 1995, para 14,6% (no caso das mulheres negras, 18,6%), em 2018. Mas esse movimento de queda parece ter se arrefecido no último triênio, sendo possível perceber uma nova tendência, de estabilidade na proporção de homens e mulheres

ocupados em trabalho doméstico. Essa categoria vem passando por uma série de mudanças importantes, que têm alterado não apenas a composição de sua força de trabalho, mas também as condições nas quais esse trabalho é exercido. Em 2018, menos de 1% das trabalhadoras residiam no mesmo domicílio em que trabalhavam. A proporção de mulheres idosas (com mais de 60 anos) cresceu de forma muito mais intensa para as trabalhadoras domésticas do que para as mulheres ocupadas de forma geral. No outro extremo, o peso das mais jovens se reduziu de maneira muito mais intensa. Assim, o processo de envelhecimento tem sido mais intenso no emprego doméstico.

DE 2018 PARA CÁ

Um dos fenômenos mais importantes nesse contexto refere-se ao crescimento do número de diaristas. Em 2018, após anos consecutivos das trabalhadoras domésticas, observa-se que a dupla jornada de trabalho Texto para Discussão é, para elas, o acúmulo de duas jornadas do mesmo trabalho. Elas realizam, em suas jornadas pagas, trabalho doméstico e de cuidado para os patrões e, em suas jornadas não pagas, também trabalho doméstico e de cuidados para si e seus familiares. Nesse sentido, sua jornada é ainda mais repetitiva, exaustiva e absorvente, tanto do ponto de vista físico quanto emocional, além de

ser muito intensa, com média de mais de 50 horas semanais. Apesar dos limites da comparação, é possível perceber a tendência de aumento nas remunerações das trabalhadoras domésticas, que se estabelece especialmente a partir de 2004 e que parece ter sido retomada no período mais recente, ainda que de 2016 para 2018 este movimento tenha se dado de forma menos intensa: a renda média passa de R\$ 850 para R\$ 877 entre estes dois anos (crescimento de 3,1%). Com isso, em 2018, as trabalhadoras domésticas recebiam em média 92% do salário mínimo. Os menores valores pagos estão na região Nordeste, enquanto as regiões Sul e Sudeste são aquelas onde os salários são mais elevados. Chama atenção o fato de que as brancas recebem mais que as negras em todas as regiões. Os rendimentos variam de forma expressiva, ainda, se as trabalhadoras são diaristas ou mensalistas e se possuem carteira assinada ou não. As trabalhadoras domésticas realizam atividades exaustivas e necessárias, que se mostram da maior relevância para as famílias empregadoras. Contudo, um emprego que ocupa mulheres, em sua maioria negras, em espaços domésticos, realizando atividades consideradas "naturalmente" femininas, reúne todos os elementos para ser desvalorizado numa sociedade como a brasileira.

MÃE SOLTEIRA



O tabu de namorar depois do filhos

Por Victória Silveira - Blog Leiturrinha

“Ninguém vai querer ficar com você porque você é mãe.” A frase insinuada pelos parentes e amigos. Aquela certeza que sussurra baixinho dentro de si. O medo que faz insistir em uma relação acabada. Por que ainda é um tabu namorar depois dos filhos?

O medo de ficar só

O ato de tornar-se mãe é ferida porque deixa uma cicatriz.

Nem sempre no corpo, mas fica a marca. Uma cicatriz fina que simboliza o fim de uma mulher: agora é a mãe. Te entregam um pacote do que deve-se tornar e a mãe agora é o ser evoluído. Sabe cozinhar, limpar, adivinhar se vai chover. Vira a chata e a cansada. E é nesse pedestal que a mãe é inatingível, que “mãe é tudo igual”.

“Ninguém vai querer ficar com você porque você é mãe” Quando essa frase me foi dita, eu vi meu receio tomar forma. Esse é o medo que a gente se segura para não ter que lidar, e que muitas vezes, amarra mulheres a relacionamentos violentos, já que ninguém quer uma mãe. Um pai, tudo bem, aliás, é até fofo. O pai não deixa de ser homem. A mãe é mãe e pronto. Quando muito, ainda existe uma frase que também é interessante de ser analisada, e que parece irmã da primeira: você não tem cara de mãe.

Isso porque transpassa o que foi dito no início. A mãe tem uma cara específica. Como se tornar-se mãe fosse perder toda a singularidade e transformar-se em um ser indistinto de outros. Não é cara de mulher, não é desejável. É cansada e sagrada. Mas no sentido de não poder tocar, olhar. É um ser que não deseja nada além da própria cria e de constituir uma família.

A mãe não namora

Esse é um ponto forte do “porque ninguém quer uma mãe”. Se mãe é tudo igual e mães são as responsáveis por sustentar o vínculo familiar, então é claro que essas “mães solteiras” só podem estar em busca de uma figura para manter o equilíbrio. Para preencher o posto faltante.

E quando decide namorar, entre as incontáveis dicas que ajudam essas mulheres a voltarem a se relacionar, a mais recorrente talvez seria “não dizer de início que você é mãe”.

É óbvio que não é algo que eu sinto a necessidade de contar logo na primeira apresentação, como “oi, sou mãe, meu nome é fulana, tudo bem?”, isso por vários motivos. Primeiro, minha cria não irá comigo ao encontro. Eu vou ao encontro. Segundo, ser mãe é apenas uma das diversas coisas que eu sou. Quando eu saio com

outra pessoa, é claro que essa característica me influencia em certo ponto, mas sobretudo, eu sou mulher. Eu jamais ouviria a frase “ninguém vai ficar com você porque você estuda Psicologia”, ou “porque você é atriz”, apesar de serem características minhas que também dizem muito sobre mim. O ponto aqui é que essas características são apresentadas com o tempo e apenas me singularizam mais enquanto pessoa, já ser mãe, se torna um fator de exclusão.

Mães solteiras buscam namorados e não pais para seus filhos

Eu realmente não espero que alguém vá ficar comigo por ser mãe, afinal, eu sou mãe apenas da minha filha e ponto. Não tenho a pretensão nenhuma de assumir papel de mãe na vida de adulto já criado, ou de colocar outro homem para substituir o lugar do pai. Esse posto já é preenchido e ainda que exista casos onde o posto não seja atuante, ele já é ocupado pela falta.

Mulheres mães não precisam de dicas para voltarem a se relacionar. Não há fórmula. Se uma pessoa se afasta por não conseguir enxergar uma mulher incrível junto à figura da mãe, por não se interessar em descobrir as incontáveis outras características e particularidades dessa mulher, azar.

Mãe solteira não significa ser sozinha: o seu filho é o amor da sua vida

“Mãe”, para muitos a palavra mais bela do mundo. Todas as mães merecem ser reconhecidas e valorizadas, mas o texto de hoje vem homenagear em particular aquelas que criam os seus filhos sozinhas.

Escrito por uma mãe solteira, este texto de reflexão tornou-se viral na rede:

“Ser mãe nunca é tarefa fácil, mas ser mãe solteira é mesmo um autêntico desafio. Eu acho que não há mulher mais corajosa e admirável do que uma mãe solteira. Nunca pensei que na minha tenra idade me tornaria mãe solteira, mas sabe que mais? É a melhor coisa que já me aconteceu na vida. Obrigada vida, por me dar o meu “príncipe encantado”, o meu confidente, o meu maior e eterno amor. Sou mãe há quase 3 meses e realmente aprendi mais durante este período do que em toda a minha vida.

Ser mãe solteira significa tornar-se uma mulher madura, corajosa, forte, ousada, uma

lutadora, capaz de fazer qualquer coisa. É claro que existem momentos sombrios, cheios de tristeza, raiva, incerteza, mas isso acontece com todos, e o tempo cura tudo. Agora que sou mãe, tenho uma enorme razão para ficar de pé; talvez sim, eu tenha que fazer um trabalho duplo, um esforço duplo, mas vale a pena pelo meu pequeno príncipe.

Ser mãe solteira não significa ficar sozinha: eu já tenho o meu bebê, o grande amor da minha vida. Tenho a grande responsabilidade de educar um menino para se tornar um homem bom, com valores, e espero eu, respeitar e valorizar as mulheres da sua vida.

Sei que há muitas mulheres na minha situação que não têm ninguém para apoiá-las, mas lembrem-se, queridas mães solteiras, vocês não estão sozinhas: todos os dias da sua vida você acorda ao lado da sua princesa ou do seu príncipe encantado, o único e grande motor que a ajudará a melhorar a si mesma, dia após dia.”

'MINHA MÃE FAZIA'

Projeto começou no Facebook e virou livro

Ana Holanda é jornalista, formada pela PUC-SP e criadora do projeto Minha mãe fazia no Facebook. Passou pelas principais redações de revistas do país, e desde 2011 é editora-chefe da revista *Vida Simples*. Assina também a coluna "Comida de Alma", na revista *Máxima*. É embaixadora da *Th e School Of Life no Brasil*. Na filial da escola em São Paulo, dá aulas sobre *Como se Encontrar na Escrita*. Também viaja pelo país dando cursos, workshops e palestras sobre *Escrita Afetiva* e sobre as narrativas que nascem na cozinha.

O projeto, que nasceu no Facebook e ganha agora caprichada edição em livro, reúne receitas que Ana tirou do caderno de sua mãe, exímia cozinheira, e do seu próprio. São pratos do dia a dia, bolos, doces simples, comida sem frescura ou a pretensão de ser gourmet. "Comida pra mim tem o papel de resgatar, pelos aromas e sabores, lembranças queridas e, dessa forma, nos conectar com pessoas que fizeram parte da nossa história, mesmo quando elas não estão mais aqui," conta a autora, que tempera suas receitas e histórias com uma escrita afetiva que deixa o leitor com água na boca e o coração leve. Jornalista com passagem pelas principais redações de revistas do país, Ana Holanda sempre viu a comida não só como alimento para o corpo, mas para a alma. Afinal, quantas histórias, confidências, causos de família e momentos marcantes vivemos em torno de uma mesa posta, ao lado de familiares e amigos, ou mesmo durante o preparo das refeições, em meio à movimentação da cozinha? Em *Minha mãe fazia*, Ana reúne deliciosas receitas que são uma verdadeira viagem aos sabores, aromas e memórias da infância e de toda uma vida, resgatadas em crônicas igualmente saborosas.

Cada família tem seu modo de preparar aquela carne de panela, um nhoque, o bolo de cenoura, a canjica, um suflê, um bolo de fubá... No livro, Ana reuniu 68 receitas que quase todo brasileiro já experimentou em casa, divididas em grupos temáticos como "Receitas tiradas da gaveta", "Receitas para refeições em família", "Receitas fáceis demais", "Receitas para a lancheira", "Receitas que favorecem a conversa ou aquietam o coração" e

outros, todas precedidas por alguma história ou reflexão. Ao passar a prática receita da pizza enrolada que sua mãe fazia, por exemplo, "e que provavelmente, não tem nada nem de italiana, nem de pizza, mas a gente gosta mesmo assim", Ana se lembra de quando andou pesquisando uma receita de ragu, um molho feito em cozimento lento e fogo baixo que "deve ter surgido num tempo em que a pressa não era essa senhora, que anda atrás da gente sempre a nos perturbar". Afinal, conclui "cada receita conversa com seu tempo, sua origem".

E em *Minha mãe fazia*, cada crônica é sempre acompanhada por uma receita capaz de evocar lembranças da infância, de nos acalantar depois de um dia difícil, ou de trazer à tona a conversa a redor de uma mesa farta, cercada de amigos. Portanto, aceite o convite. Relembre sabores há muito tempo esquecidos, lugares especiais e pessoas queridas. Sirva-se à vontade – porque tem sempre mais uma travessa no forno!



FEM

TECH



Tecnologia revolucionária para mulheres

As femtech são empresas que surgem como uma tendência na busca de maior conforto e saúde para mulheres, usando soluções tecnológicas para alcançar o público feminino. A dinamarquesa Ida Tin cunhou o termo femtech, em 2013 ao criar o aplicativo Clue.

O termo femtech faz referência a duas palavras importantes que representam muito o conceito: 'Fem' de feminino e 'Tech' de tecnologia. As femtechs então são empresas (startups na maior parte das vezes) que procuram resolver problemas comuns às mulheres ou relacionados ao universo feminino por meio da tecnologia.

As femtechs surgiram quando o mercado começou a compreender que as mulheres têm necessidades e particularidades que muitas vezes não são atendidas pela indústria. Vale lembrar que para se encaixarem no termo, alguns aspectos devem ser contemplados por essas empresas:

- permitir que as mulheres tenham maior controle sobre suas vidas;
- diminuir tabus sobre o universo feminino;
- usar a tecnologia para melhorar a qualidade de vida, como para o diagnóstico de doenças, por exemplo.

De acordo com a revista americana Forbes, as femtechs receberam mais de 1 bilhão de dólares em investimentos desde 2015. Ainda segundo a publicação, essas empresas ainda vão movimentar mais de 50 bilhões de dólares.

Muitas dessas iniciativas estão apresentando excelentes resultados, não só em aceitação pelo público-alvo como movimentando uma quantia representativa e marcando o seu lugar no mundo dos negócios.

Destacamos a seguir algumas ideias de empresas femtech em diversas áreas de atuação do mercado.

1. MATERNIDADE

O aplicativo Moment Health traz soluções para o acompanhamento da saúde mental com recursos como rastreador de humor e localização de grupos de apoio que ajudem a solucionar dúvidas de mães de primeira viagem.

O aplicativo ajuda ainda as mulheres a enfrentar problemas comuns nessa fase e a entender e combater a depressão pós-parto. Já a femtech Ava Science está ajudando mulheres a engravidarem por meio da combinação de um bracelete e algoritmos. Desta forma, a empresa contribui para que as mulheres possam fazer o seu planejamento familiar e decidirem ter filhos no momento em que julgarem mais adequado.

2. SAÚDE E BEM-ESTAR

No Brasil, a femtech "Herself" desenvolveu calcinhas que substituem o uso do absorvente durante o período menstrual. Além de aumentar o conforto, o produto diminui o impacto ambiental provocado pela grande quantidade de produtos descartáveis usados durante o ciclo. A tecnologia empregada nesses itens promete revolucionar a relação da mulher com seu corpo, dando maior

praticidade e higiene durante o período. O aplicativo Clue é outro excelente exemplo de femtech. Ele permite o registro do período menstrual e de todos os sintomas durante o mês. Assim, a mulher tem um controle muito maior do seu ciclo, entendendo as alterações corporais provocadas pela mudança hormonal e pelos períodos férteis.

3. SEXUALIDADE

A sexualidade feminina sempre foi encarada como um grande tabu. Um dos propósitos das empresas femtechs é ajudar a quebrar esses estigmas. Alguns bons cases são a Unbound e Hot Octopuss que procuram desmistificar o orgasmo feminino, abordando o tema com naturalidade. A Unbound Babes é

um excelente exemplo. A femtech produz uma linha de acessórios 2 em 1, como um anel que pode ser usado normalmente como acessório, mas se transforma em um vibrador. Já a Lioness criou um vibrador inteligente, que se conecta a um aplicativo de smartphone equipado com uma tecnologia de "biofeedback" que regula a intensidade de vibração do aparelho.

MERCADO

As mulheres estão conquistando espaços cada vez maiores no mercado de trabalho. Embora os números ainda sejam baixos, representam um avanço se comparados aos anos anteriores. Dados do governo federal mostram que, em 2007, as mulheres representavam 40,8% do mercado de trabalho e passaram a ocupar 44% das vagas

EMPODERAMENTO

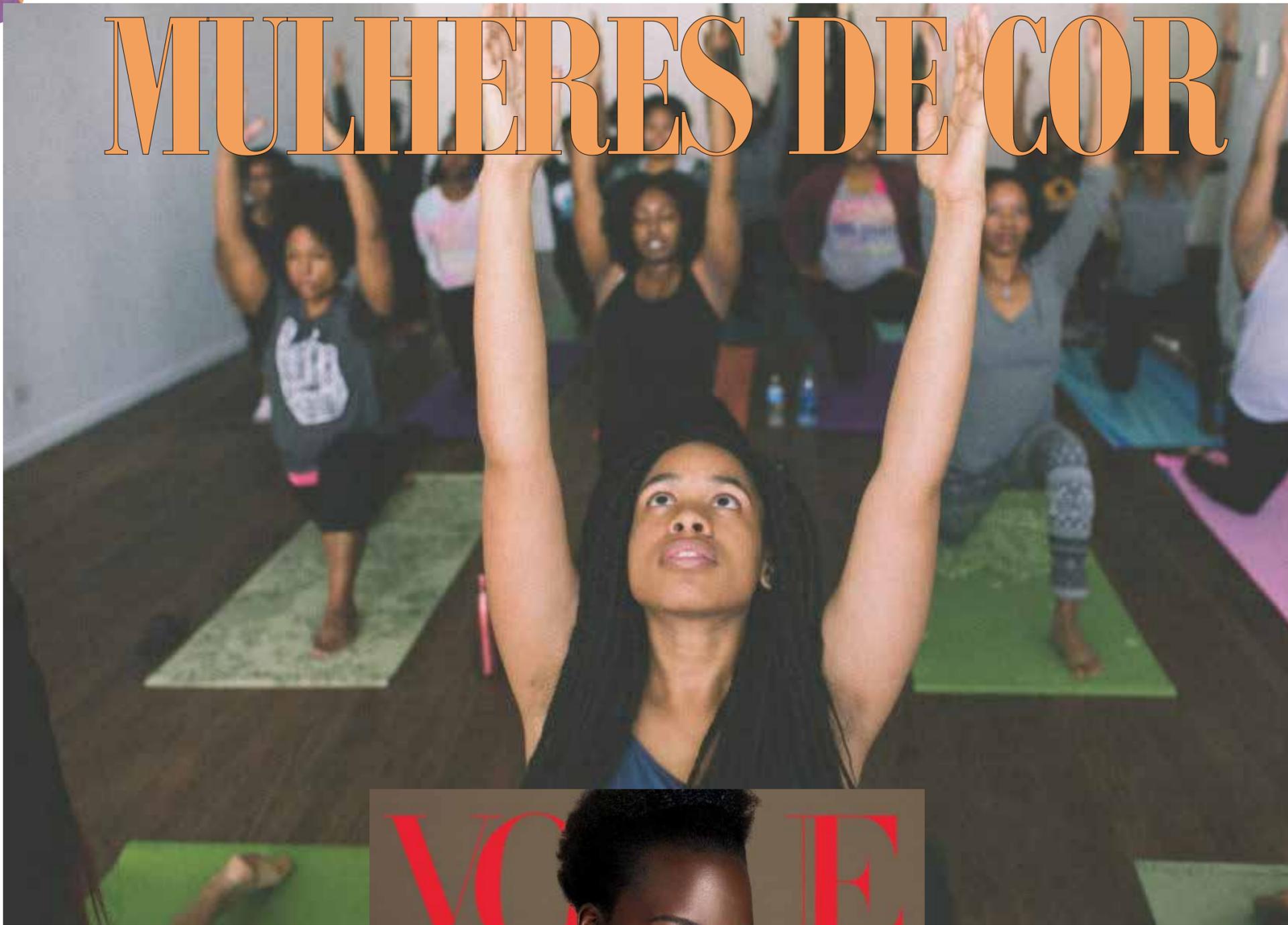
Ao observar a presença cada vez marcante das mulheres — não só nas organizações, como no cotidiano em geral — algumas empresas começam a entender as necessidades e desafios da mulher moderna e lançam produtos que pretendem solucionar seus principais problemas e facilitar a rotina diária.

Dentre as principais características dessas consumidoras está a escolha por itens de maior qualidade e que sejam bonitos, práticos e funcionais.

Dentro dessa realidade são as femtechs que estão atentas às tendências voltadas para o público feminino e que acabaram criando um novo nicho de mercado.

O surgimento das empresas femtech e a criação de produtos com foco na liberdade e conforto da mulher são sinais do empoderamento feminino, mostrando a sua presença cada vez maior em espaços antes dominados pelos homens. O mercado das femtechs está apenas dando os primeiros passos. Muitas inovações e soluções ainda devem surgir, o que vai acarretar em melhora na qualidade de vida das mulheres, que enfrentam desafios cada vez maiores.

MULHERES DE COR



Revisão

A indústria do bem-estar há muito tempo - e com extrema justificativa - é criticada por projetar uma imagem muito estreita: uma mulher branca, alta, jovem, magra. É enlouquecedor para as mulheres negras e quase todas as mulheres. #Wellness-SoWhite tem sido uma realidade teimosa, um sério problema de representação, embora as empresas de spa, beleza, viagens e fitness saibam em primeira mão que as mulheres negras são muito apaixonadas por autocuidado e uma base de clientes poderosa. As mudanças estão acontecendo. Há cada dia mais mulheres negras empreendedoras resolvendo as mulheres negras: seja com aulas de ioga e retiros de bem-estar projetados para elas ou marcas de beleza lançando linhas de cosméticos inclusivas para refletir o espectro real de tons de pele. E haverá mais mulheres negras se tornando mais visíveis e poderosas no bem-estar em geral, seja como influenciadoras do condicionamento físico ou fundadoras de empresas - refazendo o bem-estar como um espaço em branco muito menor. Talvez fosse revelador que a edição de janeiro de 2018 da Vogue apresentava a atriz queniana Lupita Nyong'o (uma voz crucial falando contra Harvey Weinstein) na capa, em pose de árvore de ioga em cima de um paddleboard, com a palavra "bem-es-

tar" estampada na capa. Haverá mais aulas de fitness e ioga e retiros de bem-estar concebidos como santuários fortalecedores para mulheres negras. A pioneira foi Black Girl in OM de Chicago, uma marca de bem-estar multidimensional que "cria espaço para as mulheres de cor respirarem com facilidade": um coletivo de aulas (como Self-Care Sundays), workshops de saúde e uma publicação online e podcast Omque atinge mulheres de cor muito além de Chicago.

As mulheres estão lançando estúdios de bem-estar para pessoas de cor em geral, como Yogahood em Londres, fundado por Sanchia Legister, cujas aulas esgotadas têm uma vibração urbana que está muito longe da trilha sonora de gongo espiritual enlatado usual. E a Legister lançou recentemente Gyal Flex, "a face urbana do bem-estar", uma aula que funde hip-hop com meditação. O Oya Retreats lançou recentemente, o primeiro retiro de ioga para mulheres negras no

Reino Unido, e se espalhou para retiros de ioga urbanos em Londres. Nos Estados Unidos, Elyse Fox fundou o Sad Girls Club em 2017 para criar uma comunidade da vida real para jovens mulheres negras com problemas de saúde mental. Haverá mais plataformas de mídia de bem-estar para mulheres de cor, como OMNoire, lançada em 2017 por empreendedoras em série, Christina Rice e Amber Forester, que engloba ioga, meditação e crescimento espiri-

ranco'

tual, além de realizar retiros de bem-estar ao longo do ano. Seu primeiro retiro (esgotado) foi realizado no outono passado em Granada, atraindo mulheres de todo o mundo. A indústria da beleza está sofrendo um abalo de inclusão, finalmente criando produtos além dos antigos "três tons de marrom" para mulheres de cor - com novas linhas de produtos explodindo qualquer crença da velha escola de que cuidados com a pele mais escura não vendem. A grande história em 2017: o lançamento da marca de beleza da pop star Rihanna, Fenty, linha de cosméticos que inclui base em 40 tons. Ela iluminou as mídias sociais com o tópico da diversidade na beleza e arrecadou incríveis US \$ 72 milhões em mídia ganha em seu primeiro mês. A Vogue a considerou (e uma maior inclusão na beleza em geral) uma das principais tendências de beleza de 2018, dizendo que Fenty Beauty "mudou sozinha a conversa", e a NDP Beauty UK argumenta que você pode esperar ver mais marcas seguindo essa estratégia em 2018. Mais mulheres negras vão apostar seu espaço legítimo no bem-estar em 2018: sejam empreendedoras como Latham Thomas, cujo Mama Glow é um recurso de bem-estar para mães novas e grávidas, ou praticantes como o guru da ioga, Jessamyn Stanley.





A tecnologia ajudando a vender mais

O Dia das Mães é a segunda data comemorativa mais importante para o varejo, atrás apenas do Natal. Todos os anos, altos picos de consumo são observados durante o mês de maio com a incansável busca por artigos para presentear mães, sogras e até mesmo companheiras. Esse ano, o 9 de maio não vai ser diferente: lojistas estão se preparando para a data, seja no mundo físico ou virtual, e ainda se adaptam e traçam diferentes estratégias para alcançar seu público. Em um contexto desafiador da pandemia da covid-19, conheça algumas soluções tecnológicas da Software Express que ajudam a oferecer o melhor atendimento aos clientes, com o propósito de aumentar as vendas e garantir mais segurança na data.

1 – Esteja preparado para receber a demanda com agilidade

Em tempos de pandemia, agilidade na fila do caixa e métodos de pagamento que garantam segurança ao consumidor são fundamentais para aumentar as vendas. Uma ótima solução é que o estabelecimento ofereça Pix por meio de um QR Code dinâmico. O código é gerado por venda e pago pelo celular, com toda rapidez e comodidade necessárias. A Software Express disponibiliza uma solução prática para varejistas que querem

adotar o Pix: uma plataforma que possibilita a integração das APIs de recebimento dos bancos com as principais automações comerciais do mercado brasileiro. Com isso, ela simplifica a aceitação das transações realizadas via PIX pelos estabelecimentos integrados à solução de TEF (Transferência Eletrônica de Fundos) e Gateway, já oferecidas pela Software Express.

2 – Abrace uma estratégia digital

No Dia das Mães do ano passado, 82% dos consumidores precisaram mudar a forma como compraram presentes, tendo o e-commerce como o meio favorito de acordo com pesquisa da Google. Nesse cenário de pandemia, as empresas devem investir na digitalização dos seus negócios. A solução da Software Express para lojas virtuais, o Pagamento Online realiza as transações eletrônicas, por meio de diversos métodos de pagamento e aceita mais de cem bandeiras. É a forma ideal para atender essa demanda, independente do porte da sua empresa.

3 – Promova os produtos mais procurados da época

Pequenos, médios e grandes varejos devem aproveitar a data para realizar promoções que atendam aos desejos de diferentes perfis de mães. Sejam elas

esportistas, empreendedoras, leitoras, com a criatividade certa na comunicação, é possível dar destaque para seu negócio e embarcar nas vendas do Dia das Mães. Promover produtos no site ou em seus canais digitais com descontos, cupons ou vouchers exclusivos é uma boa forma de atrair novos clientes.

4 – Faça parcerias

Realizar parcerias com marketplaces é uma ótima pedida para pequenas empresas aumentarem sua visibilidade e, consequentemente, obterem maior alcance de vendas. Utilizando uma solução agnóstica, como a oferecida pela Software Express, é possível integrar seus meios de pagamento a sistemas de outras lojas virtuais.

5 – Personalize a experiência do seu cliente

O checkout de pagamento é etapa decisiva para a jornada de compra. Ele deve ser ágil e intuitivo e oferecer ao cliente diversidade e flexibilidade na hora de escolher um meio de pagamento, mas também surge como uma excelente oportunidade de fidelização. Incluir brindes no carrinho ou até mesmo a possibilidade de enviar um cartão personalizado junto ao presente são pequenos mimos que tornam a compra mais afetiva e um diferencial significativo para o Dia das Mães.



Sacoleira digital

Mais de 70% das mulheres empreendedoras estão usando a Internet para a venda de produtos e serviços. Elas sempre tiveram importância vital. No entanto, com a pandemia, revendedoras e sacoleiras passaram a ter peso dobrado e são figuras disputadas nos bastidores do mercado da moda.

É pelas mãos delas que são pulverizadas Brasil a fora milhares de peças, principalmente da indústria da moda íntima, a exemplo do polo mineiro de Juruáia, cidade conhecida como a capital da lingerie. Boa parte das 20 milhões de peças vendidas anualmente pelas fábricas juruaieenses são feitas por mulheres autônomas, muitas delas donas de casa, moradoras dos grandes centros urbanos ou de municípios menores e mais distantes da capital. Ao procurar uma atividade para gerar recursos financeiros, essas empreendedoras encontraram uma oportunidade na revenda de moda íntima.

A pandemia poderia esfriar os planos de muitas delas, mas teve efeito contrário. A Internet, alia-

da a força de vontade e a gestão natural, própria das mulheres, está produzindo cases de sucesso no varejo digital. Daniela Cristina Caetano Bonissoni, 43 anos, de Pradópolis (SP), a cerca de 30km de Ribeirão Preto, é um desses exemplos.

Para se ter uma ideia da importância dessas empreendedoras, principalmente revendedoras e sacoleiras, além de pessoas que buscam uma oportunidade de renda, Juruáia realizará a Felinju Online, a maior feira online de moda íntima, praia, fitness e pijamas do Brasil, entre os dias 28 de abril e 1 de maio pelo site www.felinjujuruáia.com.br. e terá como tema “Acredite no seu potencial!” É essa a ideia que a Felinju Online propõe para as mulheres que se desdobram entre o trabalho e o lar.

A Feira terá estandes virtuais, desfiles, lives comerciais e palestras, com conteúdo disponível 24 horas por dia.

Empresas de Juruáia estarão com seus estandes virtuais na plataforma, com coleções exclusivas Outono/Inverno 2021.

DECORAÇÃO



A gravidez é um momento mágico na vida de uma família e desde o primeiro instante as mães já começam a se organizar e idealizar todo universo que vai rodear a vida dessa criança. O quarto entra como uma das primeiras etapas nessa agenda de iniciativas a serem seguidas ao longo dos 9 meses.

Assim como a decoração da casa imprime a essência de cada família, o quarto da criança também precisa contar a sua história. Por isso acredito muito no significado de cada detalhe. Eles carregam personalidade, alma e tem o poder de traduzir sentimentos. O carinho que envolve transformar um ambiente para um filho, diz muito sobre a forma de cuidar. Cada mãe e pai em sua realidade e possibilidades faz isso de uma maneira única, mas com o mesmo e grandioso afeto. Por isso o detalhe fala tão alto para mim, como profissional da área. Pintar uma parede, pendurar um quadrinho, bordar um lençol, utilizar a bandeirola do chá de bebê na decoração, colocar aquela foto da gravidez no porta-retrato, utilizar um objeto que conta um momento especial, ou o quadrinho feito pela bisavó. Todos os elementos vão fazer parte da memória afetiva dessas crianças. Depois de grandes,



até o cheiro daquele amaciante nos lençóis da cama infantil vão trazer aquela sensação de lar. "LAR": Essa é a palavra-chave. Identificação, aconchego, sensação de bem-estar, onde se criam boas memórias.

O significado que aquele espaço vai ter, muda conforme as fases de cada filho. Por isso é muito importante planejar e pensar nas alterações que serão necessárias e naturais ao longo do tempo. Um ponto importante a ser

destacado é a ideia da decoração educativa e atemporal, assegurando que a criança possa usar o quarto por muito tempo e aprender com ele ao longo de seu crescimento. As mães geralmente participam

mais nessa etapa de escolhas dos itens e gostam de criar "temas" para os quartos. Safari, princesa, marinheiro, viajante, estilo praia, boho, ou jungle são os mais procurados. Atualmente o estilo Montessori tem tomado conta das decorações infantis e se deve muito pela procura da independência e autonomia das crianças cada vez mais cedo.

Quando o bebê perde o interesse pelos objetos disponíveis, como móveis, argolas e guizos, é hora de substituí-los. Assim a criança constrói os próprios conceitos a respeito do que a cerca, conquistando autonomia de movimento e de pensamento.

Do início ao fim de cada projeto, os detalhes são extremamente valorizados. Muitas vezes pela impossibilidade de fazer grandes mudanças, seja pelo imóvel não ser próprio, ou questões financeiras, é possível substituir o comprado pelo feito, valorizar particularidades com muito carinho e a cada uma delas, guardar uma história importante para família.

Quando estamos falando de infância, no fim das contas, o essencial mesmo, é como aquele espaço vai ser vivido e experienciado: Muito amor, bagunça e uma enorme dose de criatividade.

Marina Vieira | Interiores
Empreendedor(a)
Ame seu espaço
Design de interiores | Engenheira Civil
(19) 99969-0501 - Campinas - SP
Atendemos em todo Brasil
Projetos autorais
Por @marinavieiraeng
linklist.bio/Estudiomv



SULA

De Alingsås para o Brasil via Jornal

Por Sula Carvalho - Jornalista
De Alingsås - Suécia



“É muito fácil ser mãe na Suécia”

Nesses 10 anos desde que virei mãe descobri que não é tarefa fácil. Mas nas minhas viagens mundo a fora e meus 10 anos morando na Suécia cheguei à conclusão de que ser mãe na Suécia é bem mais fácil do que ser mãe em outros países pelos seguintes motivos:

1. Os pais têm direito a 480 dias de licença parental remunerada (80% do salário) quando tem um filho (mesmo via adoção). Esses dias podem ser divididos entre os dois pais e a forma mais comum é dividir 50/50. É isso mesmo, os pais também tem direito a 240 dias de licença paternidade.

2. Cada cidadão com filhos recebe uma “bolsa” mensal até a criança completar 18 anos.

3. Todo empregado, tem o direito a receber 80% do salário quando precisar ficar em casa com crianças enfermas.

4. A educação é subvencionada na pré-escola e gratuita do Ensino fundamental ao superior.

5. Para pais que trabalham em turnos não convencionais existem creches que funcionam durante a noite e finais de semana.

6. Todo o acompanhamento de saúde é gratuito até os 20 anos. Desde o parto, vacinas, controles de saúde e dentários.

7. A disponibilidade de entretenimento gratuito é enorme: parques com manutenção sempre em dia, ciclovias, trilhas na floresta adaptadas para carrinhos e cadeiras de rodas, piscinas e, para os dias de chuva, museus, e a biblioteca municipal com atividades temáticas, contador de estórias e jogos.

8. A segurança. Meu filho vai de bicicleta sozinho para a escola, brinca com amigos no jardim (as casas não tem muro), nós dois fazemos trilhas na floresta e acampamos sem receio. A desocupação não tem preço.

9. E por último e mais importante, é, o fato de a igualdade

de gênero ser um dos pilares da sociedade sueca. Isso faz com que as tarefas com os filhos sejam divididas naturalmente entre homens e mulheres. Essa igualdade no âmbito da criação dos filhos aumenta a possibilidade de as mulheres retornarem ao mercado de trabalho e minimiza a carga dupla.

Eu moro em Alingsås, uma cidade no sudoeste da Suécia com pouco mais de 40 mil habitantes.

A cidade é a Capital Mundial do Fika (fika é o nome que os Suecos dão para o café da tarde)...

Sula enviou Hoje às 16:33

A cidade tem em torno de 150 lagos.

ESTADO FORTE

Resumindo, é mais fácil ser mãe quando se tem um estado forte que promove a igualdade de gênero em sua legislação e garante que pais e mães tenham as mesmas oportunidades, direitos e responsabilidades.

Feliz dias das mães a todas nós que precisamos enfrentar as aventuras e desventuras de ser mãe, com ou sem a presença de um estado forte.

Suécia é

A Mãe Svea (em sueco: Moder Svea) é uma personificação nacional da Suécia, representando simbolicamente a Pátria Sueca, sob a forma de uma guerreira armada de escudo e espada, com um leão a seus pés.

A palavra Svea é um nome feminino sueco que significa “dos Sveas”, sendo os Sveas (Suíones) um povo germânico da antiga Suécia. Svea está presente nos termos svenska (língua sueca) e Sverige (Suécia), assim como em Svealand (região histórica dos Suíones), Svea rike (hipotético Reino dos Suíones, e por extensão Reino da Suécia) e Svea hovrätt (Tribunal de Apelação da Svealand). Esta popular imagem é atribuída ao escri-



Mãe

até no nome

tor Anders Leijonstedt, no seu poema Svea Lycksaligheets Triumph do século XVII.

SIMBOLOS NACIONAIS

Entre os símbolos nacionais da Suécia podem ser destacados a bandeira (svenska flaggan), com uma cruz nórdica amarela em fundo azul, e o brasão de armas (riksvapnet). A Mãe Svea (Moder Svea) é uma personificação nacional do país. Os trajes típicos (folkdräkter) exprimem identidade através da roupa. Ainda a ressaltar, estão o hino nacional “Du gamla, Du fria” (nationalsången) e o Dia da Suécia (Sveriges nationaldag), festejado em 6 de junho. Típicos da Suécia e associados à sua imagem estão as suas casinhas vermelhas (röda stugor) e os cavalos de Dalarna (dalahästen), entre outros.



MÃE

Frases para Ela

1. *“Um amor mais forte que tudo, mais obstinado que tudo, mais duradouro que tudo: o amor de mãe.”* – Paul Raynal
2. *“Tudo aquilo que sou ou pretendo ser, devo a um anjo: minha mãe.”* – Abraham Lincoln
3. *“De todos os direitos de uma mulher, o maior é ser mãe.”* – Autoria desconhecida
4. *“Você conhece meus sonhos, você ouviu minhas esperanças, você sente meus problemas. Você é única, mãe.”* – Autoria desconhecida
5. *“Só há uma coisa no mundo mais bela que a mulher: a mãe.”* – Autoria desconhecida
6. *“O amor de mãe é o combustível que permite a um ser humano fazer o impossível”* – Marion C. Garretty

7. *“Mãe, são três letras apenas as deste nome bendito. Também o céu tem três letras e nelas cabem o infinito.”* – Mário Quintana
8. *“A mãe compreende até o que os filhos não dizem”* – Textos Judaicos
9. *“Quando se é mãe, nunca se está só em seus pensamentos. Uma mãe sempre deve pensar em dobro, uma vez por ela e outra por seu filho.”* – Autoria desconhecida
10. *“Mãe de barriga ou mãe de vida, mãe desde sempre ou escolhida... Os tipos mudam, mas o amor não.”* – Autoria desconhecida
11. *“Mãe, o dia das mães é só uma vez por ano, mas eu amo você todos os dias.”* – Autoria desconhecida
12. *“Feliz Dia das Mães para a pessoa que me deu vida e todos os dias*

me dá razões para viver!” – Autoria desconhecida

13. *“Mãe de barriga ou mãe de vida, mãe desde sempre ou escolhida... Os tipos mudam, mas o amor não.”* – Autoria desconhecida

14. *“A palavra mãe não é um substantivo. É um verbo. Mãe é cuidar, brigar, chorar, brincar, sorrir, ajudar, mudar, se preocupar, se irritar... Mãe é saber amar!”* – Autoria desconhecida

15. *“Por você, eu dançaria tango no teto. Eu limparia os trilhos do metrô. Eu iria a pé do Rio a Salvador.”* – Frejat

16. *“Você é a espera na janela. A ave que vem de longe tão bela. A esperança que arde em calor. Você é a tradução do que*

é o amor.” – Cogumelo Plutão
17. *“Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si. É sobre saber que, em algum lugar, alguém zela por ti. É sobre, desde cedo, aprender a reconhecer a sua voz. É sobre o amor infinito que sempre existiu entre nós.”* – Ana Vilela

18. *“Mãe, aqui tá tudo bem. Eu tô vivendo como a gente um dia sonhou. Só quero te agradecer. Tudo que sofrendo, você me ensinou.”* – Henrique e Diego

19. *“Me trouxe ao mundo pra viver. Do nascer da luz ao escurecer. É a raça é fé de um coração. É paz é tudo e muito mais. Tem força que nos faz capaz.”* – Arlindo Cruz

20. *“Ela leva no olhar tudo aquilo que ela vê. Ela aprende,*

ela chora, ela dança com você. Pra ela, não tem tempo ruim. Pra ela, não tem porque. Quando ela sai, a rua para só pra vê. Calmaria de mulher. Que ela tem, que ela dá. Minha preta como eu gosto de te amar, te amar.” – Liniker e os Caramelows

21. *“Tem essa força no braço de toda mulher e ela sabe o que quer. Dentro de si cabe o poder da criação. No seu abraço, um laço, um colo e um ninho para quem vier. Energia que é capaz de acabar com o trovão. E ela é forte, guerreira e da luta, mas também sente dor. É mãe sozinha, presente, e é pai também. Faz aos filhos o impossível na corda bamba de um grande amor. Esquece o tempo e a vontade de se querer bem.”* – Lari Alves



DATAS

FIXAS

MARÇO

3
Geórgia

8
Albânia, Rússia, Sérvia, Montenegro, Bulgária, Roménia, Moldávia, Butão

21
Egito, Síria, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Kuwait

ABRIL

7
Grécia

MAIO

10
México, Guatemala, Bahrein, Índia, Malásia, Qatar, Singapura

15
Paraguai

26
Polónia

27
Bolívia, República Dominicana

JUNHO

8
Luxemburgo

AGOSTO

12
Tailândia

15
Bélgica e Costa Rica (Assunção de Maria)

DEZEMBRO

8
Panamá (não oficial)

VARIÁVEIS NO MÊS

FEVEREIRO

Segundo Domingo:
Noruega

MAIO

Primeiro Domingo:
Portugal, Lituânia, Hungria, Cabo Verde, Espanha, Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe

Segundo Domingo:
África do Sul, Austrália, Bélgica, Brasil, Chile, China, Colômbia (exceto na cidade de Cúcuta), Dinamarca, Alemanha, Estônia, Panamá, Grécia, Itália, Japão, Canadá, Cuba, Países Baixos, Nova Zelândia, Áustria, Peru, Suíça, Formosa, Turquia, EUA, Venezuela, Finlândia, Hong Kong, Letônia

Último Domingo: Colômbia (só na cidade de Cúcuta), França (se coincide com Pentecostes, é transferido para o primeiro domingo de Junho), Suécia

OUTUBRO

Terceiro Domingo: Argentina, Bielorrússia
Início do Mês: Índia

VARIÁVEIS NO ANO

Primeiro Dia da Primavera: Palestina, Líbano
2 semanas antes do Natal: Antiga Iugoslávia





MÃE SOLTEIRA

Naiara Azevedo - Mãe Solteira - YouTube - <https://www.youtube.com/watch?v=kMjJZtITal>

Tema de música

To vendo que a gente 'tá se aproximando
Mas antes eu preciso te contar um pouco da minha vida
Muitos começos, muitas partidas

Eu tive alguém que me fez muito mal
Mas me deixou um presentinho antes do final
Que hoje divide comigo minha cama de casal
E pra não começar errado
Vou logo jogando a real

Eu não tenho vergonha de ser mãe solteira
E vou logo avisando
Pra lá na frente não da trave
Onde não cabe o meu filho não me cabe

Eu não tenho vergonha de ser mãe solteira
Se não for pra amar nós dois
Por favor desiste
Poque eu já vi ex namorado, ex marido
Mas ex filho não existe

Eu tive alguém que me fez muito mal
Mas me deixou um presentinho antes do final
Que hoje divide comigo minha cama de casal

E pra não começar errado
Vou logo jogando a real

Eu não tenho vergonha de ser mãe solteira
E vou logo avisando
Pra lá na frente não da trave
Onde não cabe o meu filho não me cabe

Eu não tenho vergonha de ser mãe solteira
Se não for pra amar nós dois
Por favor desiste
Poque eu já vi ex namorado, ex marido
Mas ex filho não existe

Eu não tenho vergonha de ser mãe solteira
E vou logo avisando
Pra lá na frente não da trave
Onde não cabe o meu filho não me cabe

Eu não tenho vergonha de ser mãe solteira
Se não for pra amar nós dois
Por favor desiste
Poque eu já vi ex namorado, ex marido
Mas ex filho não existe

Quem é Naiara

Naiara de Fátima Azevedo nasceu na cidade de Farol, interior do Paraná, em 30 de outubro de 1989. É filha de Iraci Azevedo e Amarildo Azevedo. Nascida em uma família humilde, onde os tios, avós e primos eram músicos, desde

criança a influência sertaneja em sua vida sempre foi muito grande. Durante a infância e a adolescência cantava em um coral de uma igreja próxima de sua residência. Naiara foi criada no sítio da família, onde morou até os

18 anos de idade. Nesta época foi aprovada no vestibular, e saiu de casa para viver sozinha na cidade de Umuarama, onde fez faculdade de Estética e Cosmetologia, posteriormente realizando sua pós-graduação. Durante seus

estudos universitários, trabalhava durante a semana como garçonete em um restaurante, e aos finais de semana cantava em pequenas apresentações informais pelos bares da cidade. Em 27 de março de 2020, lançou o álbum ao vivo

SIM, pela Som Livre, gravado em Praia Grande, litoral sul de São Paulo, para um público de mais de dez mil pessoas. A própria artista afirmou que o título também simboliza para ela a abreviação de "Supere Insista Motive".

Músicas > Dia das Mães

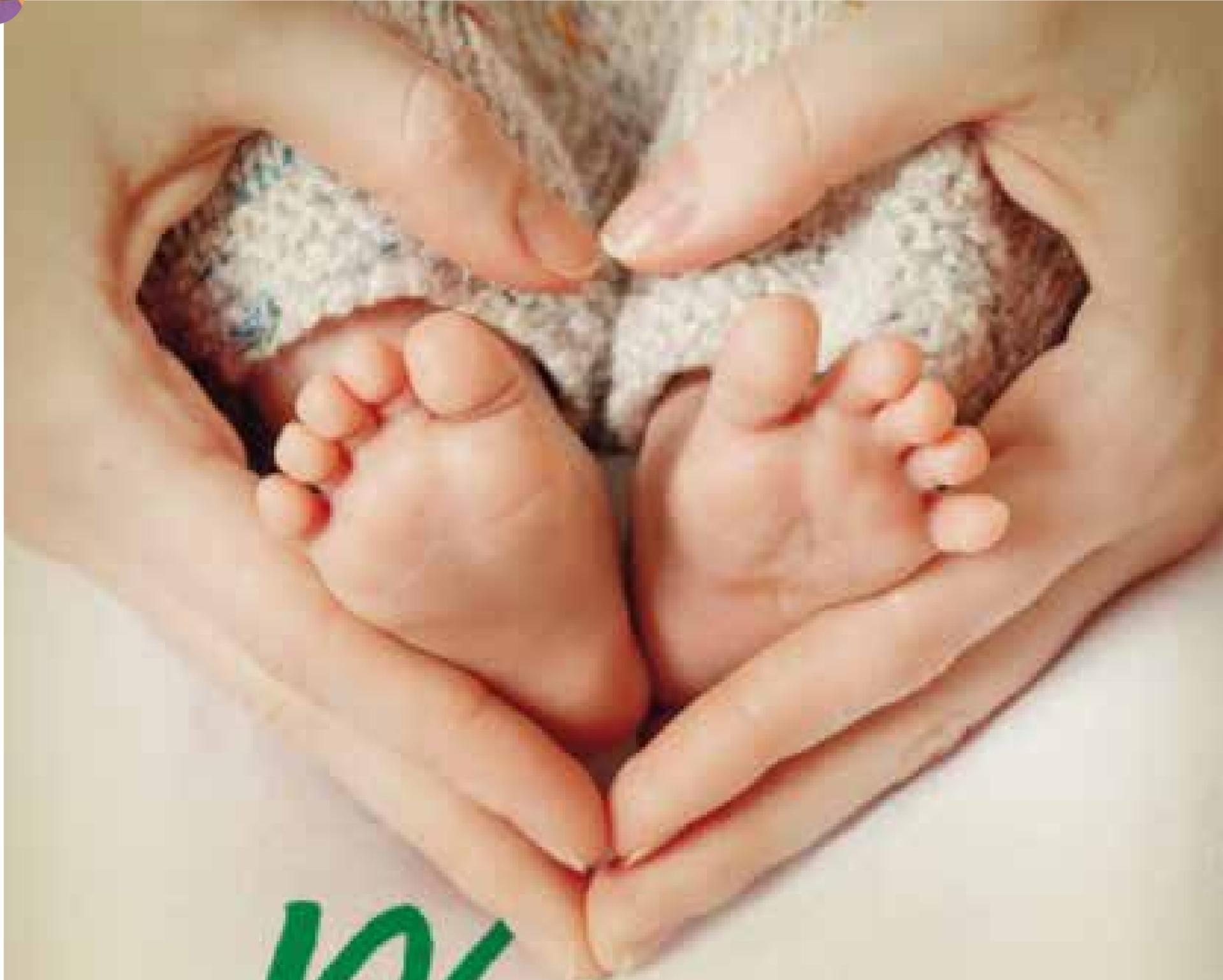
Exemplo de Mulher Eyshila - 2016	Obrigado Mãe Naiara Azevedo	Mamãe, Eu Queria Agrade... Os Pequerruchos - 2014	Mãe de Todo Tipo A Turma do Seu Lobato - ...	Obrigado Mãe Cristina Mel - 2002	Lady Laura Roberto Carlos - 1978
Mamãe Yasmin Verissimo - 2017	Como é grande o meu am... Roberto Carlos - 1967	Canção Para Todas As Mães Turminha do Tio Marcelo	Versos Simples Armandinho - 2012	Oh Mother Christina Aguilera - 2006	Amanheceu Scalene - 2013
No Dia em Que Eu Sai de ... Zezé Di Camargo & Lucia...	Coração de Mãe Aline Barros - 2012	Ciclo Jorge & Mateus - 2012	Mãe Rick & Renner - 2004	Mama Said Metallica - 1996	Trem-Bala: Especial Mães Ana Vilela - 2017
Minha mãe Turma do Balão Mágico - ...	Trem - Bala Luan Santana - 2016	Mãe Fábio Júnior	Fico Assim Sem Você Adriana Calcanhotto - 2004	Mother Love Queen - 1995	Mais Que Uma Vida Anderson Freire



MÃE



SEMPRE



Mãe

A ESSÊNCIA DE SUA
BELEZA ESTÁ EM
PROPAGAR O AMOR

FELIZ DIA DAS MÃES

